

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NAIR CORRÊA HEERDT

OLHANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA PELO VIÉS
DA AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO GLOBAL,
NO 1º ANO DO CICLO II DA
EMEF OZIEL ALVES PEREIRA

Campinas
2009

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

NAIR CORRÊA HEERDT

**OLHANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA PELO VIÉS
DA AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO GLOBAL,
NO 1º ANO DO CICLO II DA
EMEF OZIEL ALVES PEREIRA**

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da Unicamp para a
obtenção do título de especialista em
educação, sob a orientação da Profª
Dra. Afira Vianna Ripper.

**Campinas
2009**

ii

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	PE
Nº CHAMADA	TCC
	4360
V:	EX:
Tombo:	4305
PROC.:	
C:	D:
PREÇO:	
DATA:	04/10/09
COD TÍTULO:	477027

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

H360	Heerdt, Nair Corrêa Olhando a prática pedagógica pelo viés da afetividade e educação global, no 1º ano do ciclo II da EMEF Oziel Alves Pereira / Nair Corrêa Heerdt. – Campinas, SP : [s.n.], 2009. Orientador : Afira Vianna Ripper. Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Tranformação. 2. Alfabetização. 3. Afetividade. 4. Formação de professores. I. Ripper, Afira Vianna. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	09-BFE

*Dedico este trabalho aos meus alunos que são minha
eterna fonte de inspiração e aos meus filhos, meus amores.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço acima de tudo a **Deus**, por ter me dado, nos momentos difíceis, força, coragem, saúde e perseverança para que eu pudesse chegar ao término de mais uma etapa de minha vida.

Em especial aos **meus filhos** pelo apoio e incentivo constante, mesmo que distante.

Aos professores **Jorge Megid Neto, Maria de Fátima Garcia, Guilherme e Ângela Soligo** por tudo que vi, ouvi e aprendi, e muito a professora **Maria Aparecida da Silva Damin (Cidinha)** que com toda sua simplicidade, sabedoria, paciência, vivacidade e o mais importante, seus recadinhos de incentivos sempre amiga disposta a aplaudir meus acertos e compreender os erros, com suas mãos de fada e amizade sincera, orientou-me neste trabalho para que eu pudesse conquistar mais esta vitória. “Não somos o que pensamos ou dizemos. Somos o que fazemos.”

À minha amiga **Neli** que nos momentos de solidão foi presente, respeitando a minha maneira de ser, o apoio, a luz que tanto necessitei e precisei. Eu não teria conseguido sem você!

À orientadora professora **Afira Vianna Ripper** por sua dedicação, perseverança, seriedade e coragem demonstrada durante todos esses anos do Projeto “Ciência na Escola”.

Aos **amigos do curso**, após de dois anos de alegria e tristezas comuns, é impossível crer que não viveremos para sempre em nossa mútua lembrança, pois existem pessoas que passam por nossas vidas, mas há também aqueles que além de passarem ficam.

Amigos que o serão para sempre.

Colegas que convivemos enfim nossa história se fez.

Quantas saudades dos chocolates, os pãezinhos de queijo, os pirulitos, e das festas que se realizaram.

Hoje somos vitoriosos e a partir disso, uma nova vida se reinicia e com certeza sempre iremos nos encontrar pelos caminhos da vida. Agradeço por tudo.

Para minha querida professora Nair,

As bolas de papel na cabeça.

As inúmeras atividades para corrigir. As críticas, as noites mal dormidas...

Tudo isso não foi o suficiente para te fazer desistir do teu maior sonho tornar possível os sonhos do mundo...

Que bom! Que esta tua vocação tem despertado a vocação de muitas.

Em seu dia-a-dia, tantas dificuldades acontecem, a rotina é dura, mas você ainda persiste, teu mundo é alegre, pois você consegue olhar os olhos de todos os outros e fazê-los felizes também, você é feliz, pois na tua Matemática de vida dividir é sempre a melhor solução, você é grande, nobre, pois seu ofício árduo lapida o teu coração a cada dia, dando-te prazer em ensinar, homenagens, frases poéticas, certamente fazem parte do seu dia-a-dia.

Eu quero de forma especial lembrar a pessoa maravilhosa que você é, e a importância daquele seu ofício, é por isto que você merece esta homenagem, hoje e sempre, por tudo que você é e faz.

Do seu aluno que tanto te adora.

Lucca Beck, 9 anos, aluno do 3º ano, 26-11-2008.

RESUMO

Esta pesquisa diz respeito à prática pedagógica com uma turma de 35 alunos em desafagem de aprendizagem/ idade do 4º ano do ciclo II “F” do ensino fundamental na EMEF “Oziel Alves Pereira”, Campinas-SP em relação ao processo de alfabetização.

Uma grande transformação ocorreu e, de forma inusitada por meio de “bilhetes” que as crianças escreviam para se comunicar com os amigos, para me elogiar, enfim para transmitir suas idéias, conceitos e concepções, que acabaram por transformar o planejamento, anteriormente elaborado, levando 33 alunos alfabéticos, 2 pré-silábicos em poucos meses.

Os resultados alcançados foram diversos, efetivos e dizem respeito à alfabetização, tecnologia e de mudanças de posturas éticas e de comportamento que alcançaram 100% de aumento na auto-estima; o respeito mútuo; o desenvolvimento; a socialização e a aprendizagem como um todo.

Pelo viés da afetividade conseguimos avanços em questões relacionadas ao cotidiano dos alunos como a importância da transformação de hábitos antigos que prejudicam suas vidas na escola, em casa, na sociedade etc, em hábitos saudáveis que os ajudam a perceber como são importantes e que se queremos podemos mudar.

Palavras-chave: transformação, alfabetização, afetividade, formação do professor e ser professor.

SUMÁRIO

Memorial: Fotos/sonhos marcas de uma vida.....	01
Felicidade e prazer profissional.....	02
✓ A escola em Bacabal.....	04
♦ A casa da Farinha e a Palmeira do Babaçu.....	05
✓ A Professora e a nova família.....	07
♦ A maternidade.....	10
✓ A vida profissional no ensino Público Estadual e Municipal.....	11
♦ Presídio Ataliba Nogueira.....	12
✓ O retorno à Universidade e as marcas deixadas pelo Curso de Especialização “A Pesquisa e a Tecnologia na formação Docente”.....	14
O dia em que os olhos.....	18
Introdução.....	19
Parte 1. O ser professor e a prática pedagógica.....	21
✓ O que é ser professor hoje?.....	22
✓ A prática em sala de aula.....	27
Parte 2. Afetividade e educação global.....	32
✓ Aprendizagem e afetividade.....	33
✓ Olhando a prática pedagógica.....	34
♦ Quem são os alunos.....	35
✓ Alfabetizando com bilhetes: algumas desconstruções.....	36
♦ Bilhetes onde tudo começou.....	36
♦ Com açúcar e com afeto: dinâmica dos Bis.....	40
♦ Lendo, escrevendo, cuidando de si.....	42
♦ Experimentado palavras.....	43
♦ Conhecendo o bairro.....	45
✓ A tecnologia.....	46
✓ ...Acreditar em um futuro.... Profissões.....	47
Considerações Finais.....	51
Referências Bibliográficas.....	54

Memorial

FOTOS/SONHOS MARCAS DE UMA VIDA



FELICIDADE E PRAZER PROFISSIONAL

O adulto em mim caminha de mãos dadas com a criança que fui e, ainda, vive em mim a semelhança da música:

BOLA DE MEIA, BOLA DE GUDE

14 Bis

Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão
Há um passado no meu presente, o sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão
Ele fala de coisas bonitas que eu acredito que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor
Pois não posso, não devo, não quero viver como toda essa gente insiste
em viver
Não posso aceitar sossegado qualquer sacanagem ser coisa normal
Bola de meia, bola de gude, o solitário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança o menino me dá a mão
Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão...

Ela me ajuda a lembrar a infância, adolescência e vida adulta, pessoal e profissional. A criança sempre à flor da pele vinda lá dos cafundós do Maranhão insiste em vir à tona em todos os instantes de minha vida, principalmente quando observo meus alunos na escola.

Redesenho minhas memórias neste texto de forma contínua, sem separações temporais, porque elas estão imbricadas, emaranhada umas nas outras. A infância foi ligada a educação, a adolescência, a formação, ao casamento, a separação, a vida acadêmica, a vida atual... Não vejo rupturas no vivido para separar períodos, épocas etc. Leiam-na e vejam se concordam comigo:

As lembranças se gravam na minha memória com traços cujo encanto e força aumentam dia a dia; como sentindo que a vida me escapa, eu procurasse aquecê-la pelos seus começos. (ROUSSEAU apud BOSI, 1994, p. 34)

Com Rousseau “como sentindo que a vida me escapa, eu procurasse aquecê-la pelos seus começos”, na busca da felicidade, importa saber primeiro sobre o próprio nascimento. Informa minha CERTIDÃO DE NASCIMENTO, que vim à luz, em casa, numa noite escura às 20 horas do dia 23 de abril, de 1955, na cidade Barão de Grajaú, no Estado do Maranhão. Meus pais, Fabrício Felicíssimo de Andrade (infelizmente já ao lado do papai do céu) e Maria Corrêa de Andrade, uma mulher saudável aos 85 anos. Tiveram quatro filhas, sou a terceira. Sou descendente de italianos pela linhagem paterna e de portugueses pela materna.

As famílias pobres da cidade mandavam suas filhas estudarem em casas de parentes, numa cidade chamada Bacabal. Minhas irmãs foram e eu por ser a mais nova permaneci em casa com meus pais. Fiquei praticamente como filha única, muito mimada, mamei até oito anos. Faziam tudo que eu queria, na realidade não recebi uma educação adequada na época, pois só brincava, era totalmente livre e sem regras. O mundo girava em torno de mim e para mim.

Moleca! Vivia em cima das árvores, comendo seus frutos *in loco*. Falava muito com meus amigos Invisíveis, o que me lembra o desenvolvimento das fases da fala de Piaget a fala egocêntrica (FE) (a criança fala para ela mesma), só que esta fala nunca desapareceu, até hoje me pego falando sozinha. Período intenso e muito curto, que não me preparou para a próxima fase da minha vida: a escola. Trago este texto de Loris Malaguzzi (apud Faria, 2003), que espelha bem a próxima experiência a ser vivenciada e o término da primeira:

A criança é feita de cem.

A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar.

Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.

Cem alegrias para cantar e compreender.

Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.

Cem mundos para sonhar.

A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.

Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar,

De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e de cem, roubaram-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação, O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.

Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem existem.

A escola em Bacabal

Em perfeita sintonia com essas palavras de Malaguzzi em 1963, mudamos para Bacabal e fui matriculada em uma escola católica privada, onde as meninas usavam saia azul com pregas, abaixo do joelho e blusa branca. Fiquei apavorada! Lá no interior eu andava só de calcinha. Tive de me acostumar com o uniforme da escola. Essas lembranças me reportam a Mário Quintana em sua bibliografia: *No retrato que me faço, traço-a-traço, às vezes me pinto nuvem, às vezes me pinto árvore...* Essas palavras refletem bem o vivenciado nesta fase e, a necessidade de buscar novas formas de me colocar no mundo.

A escola, acima citada, chamava-se “Colégio Nossa Senhora dos Anjos” foi construída pelos padres e freiras, (religiosos alemães fugidos da guerra). Havia de tudo, roda gigante, balanço, gira-gira era um verdadeiro playground de hoje.

Eu adorei! Tudo era novidade e podíamos brincar a vontade, (isso eu pensava) mas a realidade era outra, tinha várias regras, que eu desconhecia, mas minha mãe muito carinhosamente foi me consentizando para obedecê-las que tudo era para o meu bem.

Apesar de ser uma criança egoísta, teimosa, mimada, rebelde aceito facilmente mudanças, não gostava muito de obedecer, mas logo lembrava que se não cumprisse as regras, nada de brinquedos. Do que me lembro nessa escola tinha de tudo em todos os sentidos, os nossos professores eram todos padres, frei e freiras, mesmo sendo alemães transmitiam um leque amplo de aprendizagens, fazíamos muitas excursões. Uma vez, fomos a Barra do Corda, só havia índios, a irmã Berta, nossa professora de quase todas as matérias, aproveitou e deu uma verdadeira aula sobre os índios, saímos de lá sabendo tudo sobre eles. Quando íamos a São Luiz, era uma aula diferente, a cidade foi construída pelos franceses onde deixaram muitas ruínas, mas logo tomada pelos portugueses, que deixaram lindos prédios com seus azulejos. Pena que nesta época estávamos na adolescência e não prestávamos muita atenção só queríamos ir à praia.

A casa da Farinha e a Palmeira do Babaçu

Fizemos, também, uma excursão para conhecer “A casa de Farinha”, e as “Palmeiras do Babaçu” como era do nosso cotidiano a aula foi dada por nós, alunos.

A casa de farinha é o local onde se transforma a mandioca em farinha. Nesta as tarefas são divididas: alguns homens são responsáveis pelo processo de arrancar a mandioca da roça e transportá-la para a casa de farinha.



Foto 3. Os filhos



Foto 4. Cacho de coco

As mulheres e crianças raspam os tubérculos e extraem o amido ou polvilho. O trabalho se estende pela noite, quando acontecem as chamadas farinhadas. Aparecem os sanfoneiros, violeiros, dançadores e entre goles de cachaça, café com beiju e muita alegria, o trabalho continua a noite inteira.

A farinha de mandioca é mais usada para fazer vários tipos de farofa, pirão, beiju e em uma grande quantidade de receitas da culinária brasileira. A casa de farinha ajudou a fixar o homem à terra, transformando a mandioca num importante alimento, responsável pela diminuição da fome em algumas regiões brasileiras, (Norte e Nordeste).

Como nossos professores eram todos alemães, ficavam encantados com a nossa explicação, que fazia parte do nosso cotidiano.

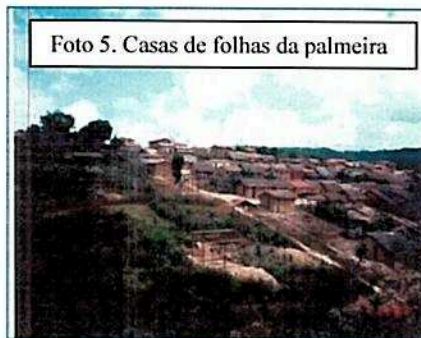
Outra excursão/aula foi sobre o aproveitamento total do babaçu. Considerada a mais rica palmeira brasileira, o babaçu serve de fonte de renda para pelo menos 400 mil quebradeiras de coco no Brasil.



Foto 1. Casa da Farinha

Da folha da palmeira, que pode chegar a 20 metros de altura, pode-se fazer telhado para as casas e artesanato; do caule, adubo e estrutura de construções; da casca do coco, carvão para alimentar as caldeiras da indústria; do mesocarpo, a multimistura usada na nutrição infantil; da amêndoa pode obter-se ainda o óleo. Empregado na alimentação e na produção de combustível, lubrificante e até mesmo sabão.

Foto 5. Casas de folhas da palmeira



O cultivo do babaçu é tão importante no Maranhão, como o açaí no Pará, porque sem ele a população mais carente passaria por inúmeras dificuldades, pois da palmeira uma família consegue sobreviver de forma digna, pois dela: constroem sua casa, obtém o coco para vender, o leite é usado na alimentação, fazem sabão, carvão, em suma, se o governo não consegue chegar até estas pessoas, através do cultivo da palmeira do babaçu elas superam as dificuldades, embora tenham esperança de que um dia o governo olhará por ela e a ajudará em sua labuta.

Pensando nesta situação, na forma como a população segue em busca da palmeira de babaçu, isto é, pega um machado, uma marmita, a família toda e pede licença ao dono das fazendas, que não utilizam a palmeira para nada e extraem dela seu ganha pão, lembrei-me do quadro *Os retirantes* de Cândido Portinari e escrevi este poema intitulado: **Meu Maranhão**

De estradas, poeira, buracos no chão
Homens, mulheres, machado na mão
Trabalham, só trabalham
Vivem a sofrer, esperando dias melhores para viver

Sol a pino!
A seca massacrando sem dó
Donde nasci e me criei!
Ó! Terra minha!
Sertão do Maranhão
Em que viverei e um dia partirei

Talvez!
Sacudir o pó e rumar para algum lugar
Cristalino e Multicolor
A deslizar suavemente nas asas do beijar flor
Ou das abelhas a fabricar seu mel...

A Professora e a nova família

Tive uma adolescência tranqüila. Isso não quer dizer que não tive os mesmos problemas e os mesmos conflitos de todos os adolescentes. Experimentei ansiedades, conflitos, problemas, mas com tranqüilidade, segurança e confiança em mim mesma. Minha única obrigação era estudar, não fazia nada em casa.

E, assim, foram passando os anos, a escola procurava preencher o que precisamos com seus conhecimentos, pois, por ser uma cidade pequena a melhor coisa que tinha era ir à escola. Estudei nesta escola até o segundo ano do Normal (antigo magistério). Escolhi o curso Normal, ou a profissão de professora, porque na cidade só existiam dois cursos de Ensino Médio: regular científico e ou técnico Normal. Os meninos estudavam no científico e as meninas o Normal, era regra na cidade na época.

Durante o curso de magistério, o que aconteceu de mais interessante, além de casar-me no segundo ano, foram às atividades de estágio, nos dois primeiros anos fazíamos planos de aula, que eram corrigidos e depois aplicávamos em salas de aulas do primário no próprio colégio realizado no período contrário às nossas aulas. Estágio que consistia na prática de ensinar e a professora da classe, que era também a orientadora, observava, faziam anotações e depois nos davam notas. Foi durante esta preparação que aprendi tudo o que sei sobre “dar aulas”, pois foi um excelente tempo de preparação, que nunca mais encontrei em nenhum outro curso de formação que fiz, seja na academia, seja em serviço.

Embora tranqüila, a minha adolescência foi, também, muito rápida: com treze anos, tive meu primeiro namorado, com quinze meu segundo e com dezesseis meu terceiro e último, casei-me com ele.

Antonio Heerdt é o seu nome, catarinense, morava num lugarejo chamado Forquilha, município de Criciúma, cujo idioma oficial era o alemão. Todos só falavam alemão. Antônio, foi alfabetizado em alemão em colégio de Freiras, (todos vieram fugidos da guerra) ganhou uma bolsa e foi estudar na Alemanha, retornando graduado e pós-graduado em Engenharia de Refrigeração e veio estagiar em Bacabal, (em 1971).

O Senhor Antonio foi se apaixonar logo por mim. Eu, Nair, moradora da cidade pequena, menina sapeca, namoradeira que gostava de quebrar regras, mal educada, sem vínculos afetivos, desprendida de tudo e de todos, que andava de bicicleta com mini saia, sem ligar para o que as pessoas diziam. Seguia segura de mim falava a verdade sem pensar como magoava as pessoas. E com a única responsabilidade estudar.

A memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca, se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, (...) denominada 'comunidade afetiva'. E dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o outro tem um papel fundamental, (KUSSEL, s/d, p. 4).

Para Kussel, a memória se constitui nas relações sociais entre os diferentes grupos em que convivemos. Na minha adolescência a influência do grupo social em minhas decisões foram muito poucas, talvez nulas, pois era muito senhora de si, muito decidida e, também como já disse muito egoísta. No entanto, a decisão de casar, aos dezessete anos, sofreu grande influência da família, como relato abaixo.

Eu não queria compromisso, minha vida era tão boa, dançava, paquerava ia a praia fazia tudo que gostava. Mas minha mãe vendo um ótimo partido fez uma lavagem cerebral em mim, no bom sentido para ela, porque mãe quer sempre o melhor para seus filhos, os dois conseguiram o que queriam casei-me com ele, aos dezessete anos, (em 16-12-1972). Outro fator que me levou ao matrimônio foi a liberdade que teria, pois Tony garantiu que não me exigiria nada, muito pelo contrário, seria dona de minha casa, do meu tempo e de minha vida, ao contrário do que ocorria em casa, em que minha mãe me vigiava bastante.

A lua de mel foi em Forquilha, na casa de sua mãe com onze irmãos, passei a viagem inteira decorando o nome dos irmãos. O Tony tinha muita paciência comigo, fez uma promessa a minha mãe, disse: *Dona Maria, a Nair vai ter a mesma vida que ela tinha aqui em sua casa*. Primeiro, eu nunca entrava na

cozinha, por não saber fazer nada e nem ter vontade de aprender, ele cumpriu a promessa foi um ótimo marido até 1996. Até hoje eu não sei para que fui educada. Acho que só para dar aulas.

Vim morar em São Paulo, onde fiz o terceiro e quarto ano do magistério, em uma escola completamente diferente da anterior, pois o estágio era de observação, o tradicional que tão bem conhecemos. Nesta fase não ministrei mais aulas, apenas observava a professora.

Em 1973, fiquei grávida, mas continuei a estudar. Fui a Bacabal para o nascimento da primeira filha Marianne em 12-09-73, voltei a São Paulo em 27-09-73, quem cuidou da minha filha foi uma irmã do Tony que é freira, chama-se irmã Cecília, cuidou até a minha formatura. Terminei o curso Normal em 1975, e em 1978 terminei a faculdade de Pedagogia, cuja maior dificuldade era estudar com uma criança pequena, conciliar horários, quem cuida. A pedagogia foi muito mais fraca que o curso normal no Maranhão, líamos muito, fazíamos resenhas e discutíamos na classe era apenas teoria, com estágio igual do magistério. A maior marca foi no dia da colação de grau, durante a cerimônia, a Marianne gritou “*Mamãe*” e todo mundo olhou para ela e para mim. Emocionei-me muito neste dia. Outra lembrança constante a corroer a alma é a saudade de minha terra e de tudo o que vivi por lá e que esta música de Nara Leão tão bem retrata:

Cuitelinho

Cheguei na bera do porto
onde as ondas se espaia.
As garça dá meia volta,
senta na bera da praia.
E o cuitelinho não gosta
que o botão de rosa caia.

Eu entrei no Mato Grosso,
dei em terras paraguaia.
Lá tinha revolução,
enfrentei fortes bataia.

Quando eu vim de minha terra,
despedi da parentaia.
A tua saudade corta
como aço de navaia.

O coração fica aflito,
bate uma, a outra faia,
E os oio se enche d'água
que até a vista se atrapaia.

A maternidade

Em 19-08-1976 nasce meu segundo filho, Adriano, havia uma moça que trabalhava em casa, mas quando o Adriano nasceu ela foi embora, minha cunhada ajudou um pouco, depois aprendi a cuidar do bebê, só não dava banho essa era tarefa do Tony.

Se em São Paulo a saudade era grande em 1979 tornou-se pior, pois fomos morar em Buenos Aires, o Tony foi gerenciar uma filial da Tetra Park firma em que trabalhava na época. Em 19-04-80 vem ao mundo meu terceiro filho Fabrício ele era Portenho. Voltamos ao Brasil em 1983, como a firma fica em Monte-Mor, decidimos viver em Campinas. Em 29-08-87 perdi o Fabrício, acidente em casa provocado por ele. (Tem dia que consigo contar o acontecido, mas geralmente evito contar).

Memória individual e coletiva se alimentam e têm pontos de contato com a memória histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros. Abarcam períodos menores do que aqueles tratados pela história. Têm na oralidade o seu veículo privilegiado, porém não necessariamente exclusivo, de troca. Já a memória histórica tem no registro escrito um meio fundamental de preservação e comunicação. Memória individual, coletiva e histórica se interpenetram e se contaminam. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela co-existência e também pelo status de se constituírem como memória histórica, (KUSSEL, s/d, p. 6).

Relembrar minha trajetória de vida, os acontecimentos que me levaram a ser o que sou hoje. Sinceramente, só mesmo por insistência do professor Guilherme de outra forma jamais pensaria nisso, pois a vida é tão corrida, constante que pouco tempo nos reservamos para relembrar o passado e tudo o que ele representou em nossa vida, ou ajudou a transformá-la. É estranho como nossa micro-história está entrelaçada a uma história maior, dos fatores sociais, históricos, que inconscientemente moldam nossas relações e nosso viver.

A vida profissional no Ensino Público Estadual e Municipal

Comecei a vida profissional muito tarde, porque só podia trabalhar no período em que meus filhos estivessem estudando. Em 1986 iniciei como ACT (professora contratada) na rede estadual do Estado de São Paulo, na EEPG Joaquim Ferreira Lima em Campinas na Vila 31 de Março. Trabalhei na rede estadual até o ano de 1993 e mudei de rede, devido ao salário do município ser melhor que o do estado. Prestei o concurso da Prefeitura em 1990.

Em 1996 eu e Tony nos divorciamos, divórcio amigável com nossos filhos já grandes, causa provável muito tempo de casamento.

Trabalhei em diversas escolas, inclusive na Instituição do Padre Haroldo Rahm com os adictos e concomitantemente no Presídio Ataliba Nogueira, na FUMEC com os presos (em 1999). Momento em que perdi as noções de valores arraigadas desde a infância, porque como para os dois grupos tudo era normal, para mim as coisas passaram a assumir outra conotação: tudo parecia normal, também. Eu dava aulas para os internos, era muito triste, porque eram novos, com semblantes tristes, desesperançados. Jovens, muitas vezes com boa formação, bom poder aquisitivo e não encontravam sentido para viver ou um lugar no mundo. O que mais fazia durante as aulas era ler o livro *Doze passos para os cristãos: jornada espiritual com amor-exigente*, apresentação e apêndice pelo Padre Haroldo, com o lema “Só por hoje”, liamos muito este livro e a Oração da Serenidade:

Meu Deus,
Conceda-me a serenidade de aceitar as coisas que não posso mudar,
A coragem de mudar as coisas que posso
E a sabedoria de perceber a diferença.
Vivendo um dia de cada vez, apreciando um momento de cada vez;
Aceitando os reveses com caminhos para a paz;
Percebendo como Jesus fez,
Este mundo perverso como ele é,
Não como eu gostaria que fosse;
Confiando que endireitarás as coisas,
Se eu me entregar a à tua vontade;
Para que eu seja razoavelmente feliz nesta vida
E supremamente feliz contigo, para sempre, na outra amém. (REINHOLD NIEBUHR, apud RAHM, 1994, p. 15)

Presídio Ataliba Nogueira

A figura nº 1 ao lado mostra um desenho feito por um aluno do Presídio Ataliba Nogueira, utilizando apenas papel e caneta bic.

Esse presídio foi o melhor lugar que trabalhei, pois é o próprio professor que decide e organiza o seu modo de ensinar os alunos, sem precisar seguir os currículos prontos do sistema de ensino. Freire dizia que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Que a verdadeira aprendizagem exige que os educandos sejam capazes de realizar transformações nos conteúdos, assim quando aprendidos e compreendidos tornam-se reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber.

Nessa concepção pedagógica fiz meu planejamento a partir do que eles queriam aprender que era ler um pouco para: Escrever cartas e aprender o que significa um sexto de sua pena, pois queriam comunicar-se com os parentes e saber, matematicamente, quanto já haviam cumprido da pena e quanto faltava para sair.

Mentalmente, eles sabiam fazer os cálculos, mas não sabiam como colocar a operação no papel. Os alunos tinham muita vontade de aprender e aprendiam muito rápido. A alfabetização foi espantosamente rápida, assim como não faltavam, pois a cada três dias de aula é diminuído um dia da pena. Tinham muitas habilidades para trabalhos manuais e artísticos. Faziam bonecos de lã, colocavam objetos em lâmpadas, desenhavam muito bem. Eles respeitavam muito os professores e professoras, quando ia acontecer alguma coisa eles já avisavam para que faltássemos.

Fizeram uma poesia pra mim. Homenagem a professora Nair.



Figura 1. Desenho de um aluno do presídio

“O Nair”

Lá na minha escola, o estudo é alto astral
Minha turma é legal, e a tristeza não encosta
E tem a dona Nair, professora inteligente
Que está sempre sorridente, a alegria é que importa
Tem o Douglas meu amigo, e vai junto o seu irmão
Tem aluno que é faltante, mas tem sempre explicação
E assim segue a rotina, trabalhando e estudando
Pra mudar a nossa vida, pois a hora está chegando
“O Nair”, minha hora está chegando
Já estou me preparando, para o mundo retornar,
“O Nair”, continua ensinando
Que a turma está gostando
Do seu jeito de ensinar,
Nair ...
Vou sair, mais vou muito contente
Apreendi o que é ser gente, pois a vida me ensinou,
“O Nair”, nunca muda esse teu jeito de menina
Nunca perca este carisma, vamos sempre te amar,
Te amar...
Gemervone em 27-10-1999

Em 2001 trabalhei na Entidade CMPCA (Centro Municipal de Proteção à Criança e ao Adolescente). Neste local dava aulas de reforço para menores afastados do convívio dos pais por maus tratos. Davam muito trabalho na escola regular e no período em que ficavam comigo complementava a aprendizagem deles, comparecia nas reuniões de pais na escola. Lá tinham de tudo: comida, transporte escolar, roupas, cuidados médicos e odontológicos, menos amor e, quando fugiam iam para a casa deles, chegando lá os pais o rejeitavam e devolviam a instituição.

Em 2002, comecei a ministrar aulas no Parque Oziel, inicialmente nos contêineres, embaixo das árvores, depois fomos para a escola de lata.¹ No ano seguinte, trabalhei no São Marcos por dois anos. Em 2004 me efetivei, no Pavanatti e no ano seguinte retornei ao Oziel onde estou até hoje.

Em 2001 fiz pós-graduação em Psicopedagogia, em Jaboticabal.

¹ As "escolas de lata" ("salas de lata", "salas emergências", "salas modulares" ou "escolas de lata") são salas de aula construídas em contêineres de zinco ou folha-de-flandres, e que ofereciam péssimas condições de ensino às crianças. (fonte www.wikipedia.com.br)

O retorno à Universidade e as marcas deixadas pelo Curso de Especialização “A Pesquisa e a Tecnologia na formação Docente”.

Em 2008 iniciei este curso de pós-graduação na UNICAMP (Pesquisa e a Tecnologia na formação Docente).

A princípio fiquei apavorada diante da necessidade de escrever, mas minha professora Aparecida Damin, dizia: escrevam, simplesmente escrevam, escrevam o que quiserem, mas escrevam. Isso acontecia em todas as suas aulas, era uma motivação bem espontânea. Timidamente, comecei a escrever, e a cada nova escrita, ela escrevia um elogio, nunca fez críticas, só elogios e foi graças a ela que comecei a escrever sem pensar quem seria o leitor. Agradeço a essa professora, meiga, com jeito de menina, mas muito determinada e sabendo o que realmente queria de seus alunos, que conseguiu grandes transformações em nossa turma. Obrigada Cidinha.

A história é (...) construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria vida e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo (...). Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (THOMPSON, 1992, p. 44).

Posso afirmar também que não sou a mesma professora. Atualmente percebo que o meu olhar é mais analítico, crítico e mais consciente, como professora no Parque Oziel, observo que os alunos, mesmo encontrando-se alijados de bens materiais e, muitas vezes, morais. Ainda assim acreditam na superação de suas dificuldades sociais e econômicas que vivências no dia-a-dia e que ao “matar um leão” por dia no final sairão vitoriosos e galgarão outros degraus em suas vidas tão sofridas, pois percebem que a pobreza não é sina, nem doença, mas fato construído historicamente e, que existe possibilidade de ser reescrita.

Ao final de curso: E AGORA? PARA ONDE VOU?

*"- Pode me dizer, por favor, por qual caminho devo seguir? -". pediu Alice ao gato.
- Isso depende muito do lugar onde você quer ir- respondeu ele..
- Não me importa muito onde. – disse Alice.
- Então, não faz diferença o caminho a seguir..."*
(CARROL, Aventuras de Alice ...)

Deste início de vida profissional trago para reflexão as palavras de Alice sobre o caminho:

Coloco estas frases por expressarem claramente as minhas ansiedades, inquietudes e dificuldades pelas quais passei no início da carreira para encontrar o caminho que me levaria a uma busca incessante de aprimoramento e chegar aos dias atuais com a bagagem de conhecimento, experiências e aprimoramento do meu trabalho pedagógico.

Falo da disciplina A Pesquisa como Instrumento Pedagógico, I, II E III, turma B, que é ao contrário do que aconteceu com a Alice que não se importava com o caminho a seguir para sair do País das Maravilhas, coloco que este curso me indicou vários caminhos, me abriu várias possibilidades de trabalhar o processo educativo e me fez perceber que Ser professor é ir além de apenas ministrar aulas prontas a partir de teorias alheias, mas que sou capaz de formular minhas próprias teorias, ainda que esta esteja impregnada de saberes alheio.

Com a professora Maria Aparecida, carinhosamente chamada por nós de Cidinha, aprendi muitas coisas: a refletir sobre o material proposto, a ir além das entrelinhas dos textos discutidos, a perceber que estes tinham relação com a minha distante realidade de professora de uma terceira série na periferia, da periferia da cidade de Campinas, e principalmente, ela me mostrou que sou capaz, que posso realizar grandes feitos, que posso alçar vôos maiores do que sequer imaginava. E, com isso elevou minha auto-estima e, por conseguinte, posso levar meus alunos a voarem comigo.

Na música *Tocando em frente*, de Almir Sater e Renato Teixeira, tem um trecho que me fala ao coração e gostaria de citá-lo aqui nesta conclusão que é

(...)
Ando devagar, porque já tive pressa

*E levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Eu só levo a certeza de que pouco sei
Que nada sei (...)*

Eu me sinto agora, ao fim deste curso, desta forma: mais calma, mais forte, com um sorriso de orelha a orelha, pois já chorei demais nesta busca constante de me formar professora, mas tendo a certeza de que sei muito pouco, quase nada e de que preciso aprender muito, mais e sempre para benefício de meus alunos e meu, porque o que aprendemos ninguém nos tira é nosso patrimônio pessoal que dinheiro nenhum compra e ladrão rouba.

Por fim, por tudo o que cresci, pelo muito que produzi e pelas experiências vivenciadas a partir dos momentos vividos nesta disciplina acredito que aproveitei cem por cento das experiências e aprendizados.

Para terminar este texto trago as palavras de Martin Luther King, pois acredito que sejam muito sábias e ensejam um profundo significado para mim neste momento:

"É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco que em conformidade viver"

E nesta caravana da esperança vejo-me algumas vezes como o condutor e outras como o conduzido, ensinando e aprendendo junto com eles a Ser professor, a Ser mais humana, a Ser outra pessoa.



Foto 6. Carnaval do 2º ano "C"

A mistura de imagens na foto nº 6 mostra o panorama deste trabalho em que, além da pesquisa confeccionamos fantasias e adereços para cada aluno e promovemos um baile de carnaval na sexta-feira, finalizando o trabalho com conversas sobre o que vivenciaram no período do carnaval com seus familiares.

O DIA EM QUE OS OLHOS LERAM

Naqueles tempos, no chamado primeiro ano primário, as leituras eram

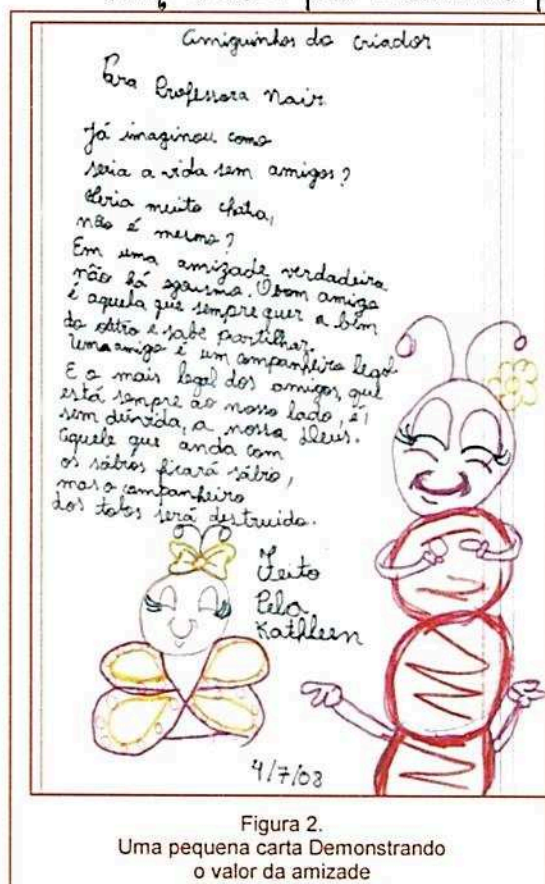


Figura 2.
 Uma pequena carta Demonstrando
 o valor da amizade

desenvolvidas, primeiramente na cartilha (em meu caso Cartilha Caminho Suave), onde aprendíamos os sons dos fonemas e pequenos exemplos de aplicação daqueles sons, este período estendia-se até o mês de junho. Em agosto era feita a festa do primeiro livro, onde se reunia todos os setores da escola inclusive os pais e familiares dos alunos que em ato solene subiam ao palco após a palavra do diretor e recebiam seu primeiro livro de leitura [...] passaríamos de apenas "juntadores de letras" para alunos que entenderiam textos mais longos e sofisticados. (RODRIGUES, 2009, p. 2).

[...] a professora veio com um exercício extremamente interessante, não mais leríamos em voz alta, pediu silêncio

e com muita delicadeza solicitou-nos para lermos apenas com os olhos, "que maravilha", podia-se entender tudo sem estar ouvindo nada e mesmo sem estar mexendo os lábios, foi uma das maiores descobertas que posso lembrar-me, à partir de então tive a exata noção do que era pensar, ter a chamada consciência, sem ter necessariamente que expressar-me oralmente. (Ibidem, p. 12 e 13).

INTRODUÇÃO

Este estudo diz respeito à prática pedagógica com uma turma de alunos com defasagem de aprendizagem e de idade do 1º ano do ciclo II F, antiga 3ª série, ano 2008, na EMEF “Oziel Alves Pereira” em relação ao processo de alfabetização.

Escolhemos o tema sobre saúde para iniciar o aprendizado, entretanto o assunto foi se modificando, ampliando ao longo do processo e segui as urgências apresentadas, como a necessidade de aprender a ler e escrever. O resultado esperado chegou de forma inusitada por meio de “bilhetes”.

Esses alunos espelham a realidade da ocupação em que vivem com toda a carência que apresentam, das dificuldades de atendimento que possibilite e os forme para cuidados básicos com sua saúde e educação, bem como a ausência de posturas éticas culturalmente difundidas e importantes para a população por permitirem que se dê o devido valor à vida humana como um todo.

Segundo Seabra (1994), a escola tem sido durante anos, um local que se identificou com o trabalho que em nossa sociedade nada tem a ver com prazer. Assim, o lúdico, o colorido, o mágico, não faz parte desta organização que é, por natureza, séria e não admite brincadeiras. Mas é esta a escola que tem marginalizado tantos alunos que estamos buscando? Não deverá ser a escola um local de prazer para os alunos, onde eles possam experimentar diferentes formas de conhecimento na relação com seus mestres? Qual a importância que se dá à afetividade na relação professor - aluno e com o objetivo de conhecimento? Como as questões de saúde estão sendo trabalhadas? Quais conceitos trabalhar e valorizar? Como fazê-lo?

Estas questões estão imbricadas nesta pesquisa, embora não explicitadas separadamente são contempladas à luz de teorizações de Freire, Gallo, Vygotsky, priorizando o processo formativo na interação professor-aluno, como espaço privilegiado para a construção conjunta do conhecimento. A pesquisa na sala de

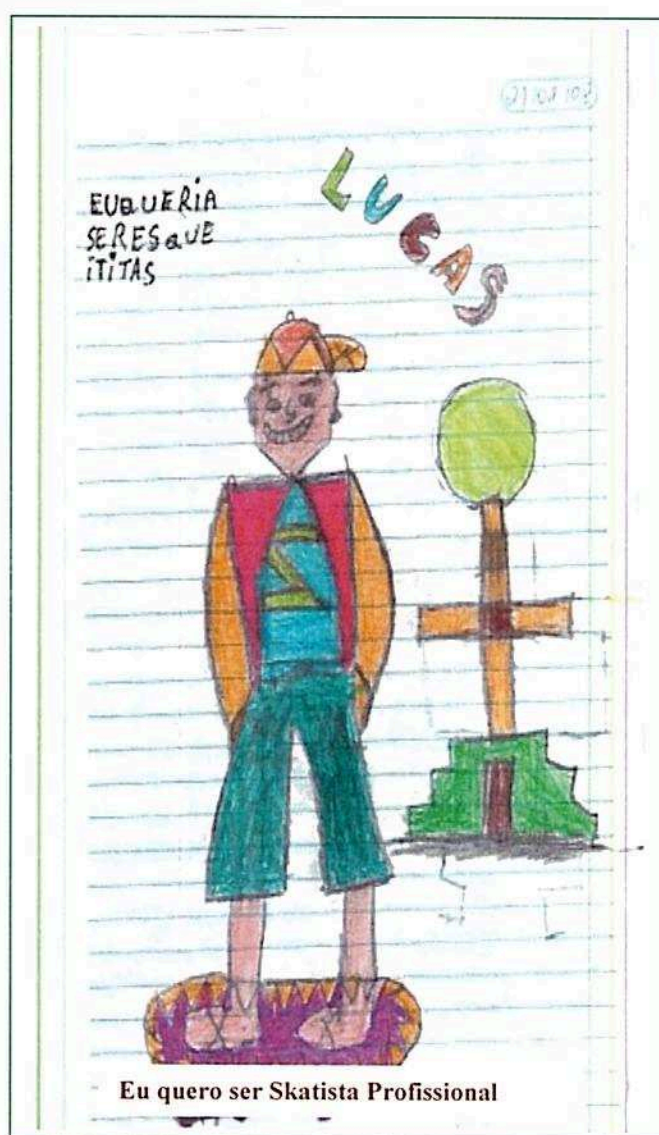
aula se constituiu em campo fértil de acontecimentos a serem investigados e analisados, através de observações de alunos e professores, bem como suas famílias e as relações por elas construídas.

Pela mediação com o outro as manifestações afetivas ganham significado e sentido e foi possível intervir, orientar e contribuir efetivamente para a formação dos alunos.

Os resultados alcançados foram diversos e efetivos e dizem respeito à alfabetização, tecnologia e de posturas éticas. Apresentarei ao longo deste texto os resultados deste trabalho narrando e analisando os fatos recorrentes, teorizando minha prática pedagógica.

Esta monografia está organizada em Introdução, parte 1, parte 2 e considerações finais. Na introdução apresento o contexto da pesquisa, na segunda parte faço um apanhado geral do que seja ser professor e sua prática pedagógica na atualidade, no terceiro descrevo e analiso o que realizei com o projeto de ensino através da afetividade no Parque Oziel e termino com uma breve conclusão do que foi toda esta trajetória para chegar a sistematização da pesquisa.

O SER PROFESSOR E A PRÁTICA PEDAGÓGICA



Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significados.

(FREIRE, 1997, p.49).

O que é ser professor hoje?

Com as palavras de Freire início estas colocações sobre o ser professor hoje, em pleno século XXI, era de globalização, de Internet e de informação em tempo real, em que nossas crianças dominam computadores, vídeos-game, DVDs, MP3, Ipod e muitas outras parafernálias “modernosas” que lhes são apresentadas todos os dias e mal têm tempo para sair às ruas, curtir o sol, conversar com os amigos e muito menos conhecem as brincadeiras singelas que brincávamos em nossa infância.

Faço estas ressalvas para indagar: O que é ser professor hoje? Como manter em uma sala fechada, com apenas giz, lápis e papel 35 alunos seja de qual idade for, ministrando conteúdos que parece não lhes dizer respeito? Como competir com televisão, vídeo-game etc... que fazem a “cabeça” da garotada?

Este é o maior desafio de ser educador hoje. Quando iniciei a carreira do magistério os alunos tinham outro comportamento, outra forma de se expressar, em outras palavras, eram ensinados desde cedo a serem passivos, a aceitarem tudo o que a professora lhes dissesse, afinal a professora é sua “segunda mãe”, como diziam muitos pais da época. E, assim legitimavam o uso de cartilhas com textos como “Vovô viu a uva” ou “O bebê baba na babá”, dá-lhes exercícios de coordenação motora e de prontidão a repetência e rótulos de deficientes mentais, de fracassados.

Hoje, se agimos assim somos taxados (e com razão) de retrógrados, tradicionalistas, atrasados, parados no tempo. Engraçado, o termo que usávamos com nossos alunos agora nos cabe, *atrasados*.

Jesus (2000) coloca que “A memória é vida (...)” (p.23), pois traz consigo sentimentos, significados e significantes, bem como sua imaginação. Por isso as escolhas que norteiam o ser professora, nossa identidade profissional docente vai se construindo ao longo dos anos, entrelaçadas com espaços, tempos, sujeitos e experiências. Essa identidade pessoal está intrinsecamente ligada à coletiva, que também é construída ao longo dos anos e está impregnada de conflitos e lutas de classes.

Assim, ao tentar pensar a questão principal deste texto: o que é ser professor hoje em pleno século XXI, globalizado e informatizado é estar constantemente aberto às inovações, acreditar que todos os alunos podem aprender; refletir constantemente sobre a prática pedagógica e, principalmente, estar aberto ao novo, à capacidade de ser versátil em sala de aula; de aproveitar todos os recursos possíveis e imagináveis para promover uma aula diferente. Mesmo que este recurso seja uma simples caixa de bombom recheada, não com chocolates, mas com afetividade, reconhecimento do outro e, principalmente, respeito mútuo.

Quem é esse outro? O 'outro' aluno, 'outro' gestores da escola, funcionários. 'Outro' professores do nosso curso "A pesquisa e a tecnologia na formação docente"². Para pensarmos um pouco sobre quem é outro empresto as palavras de Madalena Freire:

**Eu não sou você
Você não é eu**

Eu não sou você
Você não é eu
Mas sei muito de mim
Vivendo com você
E você, sabe muito de você vivendo comigo?
Eu não sou você
Você não é eu

Mas encontrei comigo e me vi
enquanto olhava pra você
Na sua, minha, insegurança
Na sua, minha, desconfiança
Na sua, minha, competição
Na sua, minha, birra infantil
Na sua, minha, omissão
Na sua, minha, firmeza
Na sua, minha, impaciência
Na sua, minha, prepotência
Na sua, minha, fragilidade doce
Na sua, minha, mudez aterrorizada
E você se encontrou e se viu, enquanto
olhava pra mim?
Eu não sou você
Você não é eu
Mas foi vivendo minha solidão
que conversei com você

² Professora: Maria Aparecida Damin, Professor: Dr. Jorge Megid Neto e Professora: Dra. Maria de Fátima Garcia.

E você conversou comigo na sua solidão
ou fugiu dela, de mim e de você?
Eu não sou você
Você não é eu
Mas sou mais eu, quando consigo
Ihe ver, porque você me reflete
No que eu ainda não sou
No que já sou e
No que quero vir a ser...
Eu não sou você
Você não é eu
Mas somos um grupo, enquanto
somos capazes de, diferencialmente,
eu ser eu, vivendo com você e
Você ser você, vivendo comigo. (FREIRE, 1993)

Refletindo sobre quem somos enquanto grupo por este poema de Freire por acreditar que ele sintetiza bem o sentimento de ser e estar em um grupo.

Ser um grupo é um dos exercícios mais salutares e naturais de todo ser humano, pois desde que nos entendemos como humano estamos em grupo. Primeiro a família, depois os colegas de rua, a escola, o trabalho, a igreja, a sociedade e assim vamos entrando e saindo de grupos pela vida afora até que esta tenha a sua finitude.

Mas o que é um grupo? Como ele se constrói? Como ele se consolida?

Freire, (1993) coloca que grupo é o resultado da luta dialética entre a história do grupo e do indivíduo com seu mundo, projeções e transferências durante a história da sociedade em que estão inseridos, em outras palavras, é a luta diária do indivíduo dentro de uma dada sociedade e dos diferentes grupos a que pertence para, no coletivo, constituir-se como sujeito.

A construção do grupo se dá no espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante; na busca da superação destas diferenças em prol de um bem comum; no diálogo em que se respeitam diferenças individuais, busca-se exaltar o coletivo e se eleva na cumplicidade dos das emoções que vão do choro ao riso, do ódio ao amor.

Não é fácil ser ou estar em grupo, pois é preciso ter muita paciência, muito respeito ao fazer do outro, muita vontade de crescer junto, o que nem sempre é possível ou valorizado.

Ao analisar quem somos me vem a mente que somos um grupo coeso em nossas discordâncias e diferenças; que nos respeitamos enquanto pessoas, educadores, mães e pais, enfim enquanto indivíduos e que estamos sempre abertos ao novo.

Dessa forma, não concordo com a colocação da professora Fátima³, de que ela é uma estrangeira em nosso meio, porque nos vejo como um grupo flexível, que acolhe com boa vontade aos que chegam, dedicando-lhes o mesmo respeito que merece o membro mais antigo do grupo.

Assim, como acontece aqui na faculdade, acontece também em nossas escolas, em que estamos sempre abertos ao novo, cooperamos com os demais educadores por termos um objetivo comum que é propiciar uma educação de qualidade a todos os nossos alunos.

Nossa rotina cotidiana é flexível, bem como nosso currículo, pois muitas vezes em nossas aulas temos que deixar de lado tudo o que planejamos para a aula para dar atenção a um fato novo que ocorreu na sala, no entorno da escola, na comunidade, na cidade, no país ou no mundo, pois no momento é isso que interessa a criança.

E neste contexto o grupo / escola tem que estar aberto ao novo, saber valorizar os esforços coletivos e individuais e realizar o que for melhor para o grupo. Isso é educar para a cidadania, para a valorização do ser humano.

E embora a vida de grupo tenha muitas incertezas, alegrias, medo, dor, choro, sabores, cheiros; provoque ansiedade, medo, angústia, frustração, desânimo é o que nos torna seres especiais, pois (...) *eu não construo nada sozinho, tropeço a cada instante com os limites do outro e os meus próprios, na construção da vida, do conhecimento, da nossa história.* (FREIRE, 1977, p. 68).

³ Quando iniciamos as aulas no segundo semestre de 2008 com a professora Fátima, no curso de especialização: "A Pesquisa e a Tecnologia na Formação Docente" ela nos pediu para falarmos sobre grupo e disse que era estrangeira por estar chegando neste semestre e o grupo já estar pronto, o que não concordo, ela foi acolhida com muito carinho.

Educação para a vida é *"Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra"*. (Anísio Teixeira)⁴. Precisamos acreditar no outro, na vida, no mundo, como nos coloca Deleuze:

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmos pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempo, mesmo de superfície ou volume reduzidos. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. (DELEUZE, 1992, p. 18)

Texto tenso, controverso, pesado de que nos desapossaram do mundo e com isso nos tornamos meio que refém dos acontecimentos. Com Demo (2005), ao colocar que devemos aprender a aprender, para mim muda o sentido do texto de Deleuze, pois ao colocarmos o termo de Demo em prática percebemos que podemos e devemos estar aprendendo sempre e com isso retomando o mundo que nos tiraram. Deleuze coloca que nas pequenas coisas podemos recriar este mundo, vou mais longe, através da educação, da criação e recriação que todo processo educativo sucinta, nós acabamos retomando este mundo que nos foi usurpado, alijado em nossos direitos.

Como professora no Parque Oziel, observo o alcance destas premissas, pois no convívio com os alunos todos os dias observo o quanto essa população encontra-se alijada dos bens materiais e, muitas vezes, morais que tangem a sociedade e, mesmo assim, acreditam que podem superar suas dificuldades ao "matar um leão" por dia, mas no final sairá vitoriosa e galgará outros degraus em sua vida sofrida, pois percebem que a pobreza não é sina, nem doença, mas fato construído historicamente e que pode ser reescrito.

E nesta caravana da esperança me vejo algumas vezes como o condutor e outras como o conduzido, ensinando e aprendendo junto com eles a Ser professor, a Ser mais humana, a Ser outra pessoa.

⁴ Recebido por e-mail em de uma amiga em 02/01/2005, bibliografia desconhecida.

A prática em sala de aula

*A vida flui diretamente do educador
para seu aluno e vice-versa. Mas, para isto, tudo o
que do educador irradia, deve receber sensibilidade,
calor e sutileza de um sentimento autêntico.
Abre-se desta maneira numa perspectiva
maravilhosa para todo ensino,
(RUDOLPH STEINER, 1998, p. 17).*

Na prática pedagógica, no cotidiano da escola desvelo novos horizontes do Ser professor e o trabalho de pesquisa na escola. Coloquei propositalmente o verbo ser com letra maiúscula, pois trato deste ser professor no sentido sociológico de se fazer professor nos dias atuais. Tarefa muitas vezes ingrata, mas que me enche de satisfação.

Apesar de todo o descaso, de toda a injustiça e falta de reconhecimento dispensado ao professor não consigo conceber outra tarefa que gostaria de realizar em minha vida. Ser professor é uma das maiores dádivas que o ser humano pode ter, porque nada é mais sublime, alentador, enche o espírito do que o fato de saber que estou contribuindo para que um indivíduo possa se constituir como Ser, como cidadão, como pessoa.

É lógico, que um médico pode ter o mesmo pensamento em relação a sua profissão, o engenheiro, o advogado, o pedreiro... Mas eu sou professora e acredito que isso faça toda a diferença do mundo e parto do pressuposto de que a partir do momento em que nascemos já estamos planejando e projetando nossa vida. Projeto em que somos "(...) Lançados no mundo como num jato, 'a vida nos é disparada à queima-roupa', na emblemática expressão de Ortega y Gasset (1983)".

Trazendo essa idéia para a educação. Como podemos desenvolver um projeto para a educação seus alcances e forma de realização. *“Desde então, como seres biológicos que vivenciam um quadro de valores histórica e culturalmente situados, lançamo-nos em busca de metas, construindo trajetórias vitais que nos caracterizam como pessoas”*, (MACHADO, 2000, p 8).

A palavra projeto, oriunda do latim *projectus*, como coloca Machado, (2000) tem o significado de algo lançado a jato para frente. Esta definição pode ser aplicada também ao ser humano que ao nascer é lançado como um jato no mundo e deve caminhar sempre em frente no mundo, modificando-o e transformando-o.

Para que esta transformação ocorra se faz necessário que os seres humanos tenham um problema a resolver, uma meta a alcançar, um horizonte a descortinar. Assim, ele organiza projetos de vida a serem realizados ao longo de sua existência.

Estes projetos sempre partem de um problema que tem origem no passado, é elaborado no momento presente visando um futuro a ser realizado. Em outras palavras, todo projeto é um planejar, hoje, ações para o futuro, calcadas em acontecimentos passados numa relação linear. *Como esboço, desenho, guia de imaginação ou semente da ação, um projeto significa sempre a antecipação de uma ação, envolvendo uma referência ao futuro*, (MACHADO, 2000, p. 5).

Todo projeto apresenta três características distintas: a primeira é que este não é uma simples representação do futuro, ele é o futuro a ser realizado, concretizado através dos atos; a segunda característica consiste em este ser sempre uma abertura para o novo, mesmo que resulte em insucessos e a terceira característica diz respeito a este ser uma antecipação de uma ação individual ou coletiva, pois não se pode ter pelos outros.

Trazendo estas assertivas dos projetos para o campo educacional, podemos estabelecer que o ato educacional se realize através de projetos, pois partimos do pressuposto dos conhecimentos passados, para no presente, buscarmos projetar o futuro, representado pela aquisição da aprendizagem de nossos alunos e neste processo estabelecemos metas, estratégias, planos de ação que visem à garantia deste resultado.

O grande problema da educação brasileira em relação ao que estabelecemos acima é que esta carece de um caráter coletivo para a elaboração de seus projetos, que muitas vezes são elaborados em gabinetes, a portas fechadas, não buscando ouvir os principais interessados no mesmo, ou seja, seus executores, os professores, o que leva ao fracasso tais iniciativas.

Quão diferente dinâmica e produtiva seria a educação se os educadores fossem ouvidos, participassem da elaboração dos projetos, criassem suas próprias teorias juntamente com os colegas... Este pode ser um sonho utópico, mas a utopia faz parte da dinâmica dos projetos e do ser professor e é o que nos alimenta, juntamente com a ilusão, outra dinâmica dos projetos, quando estamos descrentes ou nos sentindo derrotados e não nos deixa desistir da nossa vocação.

Quando optamos por trabalhar com projetos na educação temos que ter claro alguns conceitos pertinentes a este tipo de trabalho e algumas considerações sobre o que isto carrega em seu bojo.

Desta forma, é preciso primeiro entender que o que distingue os seres humanos é a sua capacidade de projetar, antecipar cursos de ação, de transformar situações existentes em outras imaginadas ou preferidas elegendo metas a serem perseguidas. *A capacidade de ter projetos pode ser identificada como a característica mais verdadeiramente humana. A inteligência humana consistiria, precisamente, nesta capacidade de antecipação, de invenção de metas, de criação de possibilidades.* (ibidem, p. 41)

Esta organização do agir, pode se dar no plano individual ou coletivo, mas parte sempre da vontade e das ilusões de alguém, pois não podemos fazer projetos pelos outros. Os pais, por exemplo, erram muito quando projetam em seus filhos desejos e ilusões que são suas e não dos filhos, acabando muitas vezes por coibi-los ou deixá-los infelizes, pois é muito difícil alcançar realizações que não são nossas.

Quando trazemos o trabalho com projetos para dentro das instituições de ensino, devemos ter claro, de acordo com Gontijo, Barbosa e Santos (2004), que um dos pressupostos deste trabalho é que educação deve se acontecer mediante o aprendizado de estratégias de estudo, em que o aluno desenvolve a capacidade de analisar e mobilizar os conhecimentos historicamente acumulados para

resolver situações problemáticas reais “aprendendo a estabelecer relações e interpretá-las, superando os liames das disciplinas escolares.” (HERNÁNDEZ, APUD GONTIJO, BARBOSA e SANTOS, 2004, p. 3).

Neste contexto, o trabalho com projetos na escola pode ocorrer nos sentidos metodológico, pedagógico, do estabelecimento como um todo e no educacional passando pelos projetos pessoais de alunos e professores.

Para se ter um bom projeto é preciso que ele tenha: claras referências ao futuro, não se faz projeto sem futuro, ainda que este ainda não exista em nossos projetos eles devem estar claro; ser uma abertura ao novo, ao desconhecido, ao criativo e ter o caráter de ser uma ação projetada, uma antecipação de uma ação.

Todo bom projeto educacional deve perpassar por seis valores sem os quais toda sabedoria se perde no conhecimento e todas as ações educacionais reduzem-se a meros tecnicismos. São eles:

- A cidadania, que diz respeito a formação do indivíduo e possibilitará ao sujeito realizar entrelaçamentos entre os projetos individuais e coletivos; o profissionalismo, que traz em seu bojo o comprometimento pessoal com o que se é trabalhado, contrapondo-se ao amadorismo e ao mercenarismo, sendo o grande valor associado ao profissional da educação, tanto no público quanto no privado;
- tolerância, trata-se do respeito ao outro, que é distinto da gente, fundando-se *no reconhecimento da existência do outro que, como eu, ocupam um espaço, tem direitos e deveres, mas é essencialmente diferente para mim*, (ibidem, p.49);
- integridade, que refere-se mais ao professor, que deve ter em mente o poder da simbiose entre prática e ação para a criação de valores como fraternidade, respeito, pois quando há uma forte consonância entre as ações e o discurso o aluno aprende que ser íntegro é aquele que faz o que acredita, mesmo que sua ação não seja agradável para si ou para outrem;
- equilíbrio, é necessário buscar organizar o projeto de tal forma que haja um equilíbrio entre os valores que perpassam os saberes que se quer aprender para que um não se sobreponha ao outro, para que a transformação advinda de um trabalho modifique a realidade sem desvalorizar o que foi socialmente construído positivamente; e,

- o último item de um bom projeto diz respeito a personalidade, que deve estar no centro de todo trabalho com projetos, pois este deve levar em consideração as aspirações, os ideais, ilusões e vontades individuais dos alunos na busca da formação integral dos alunos.

Parte 2

AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO GLOBAL

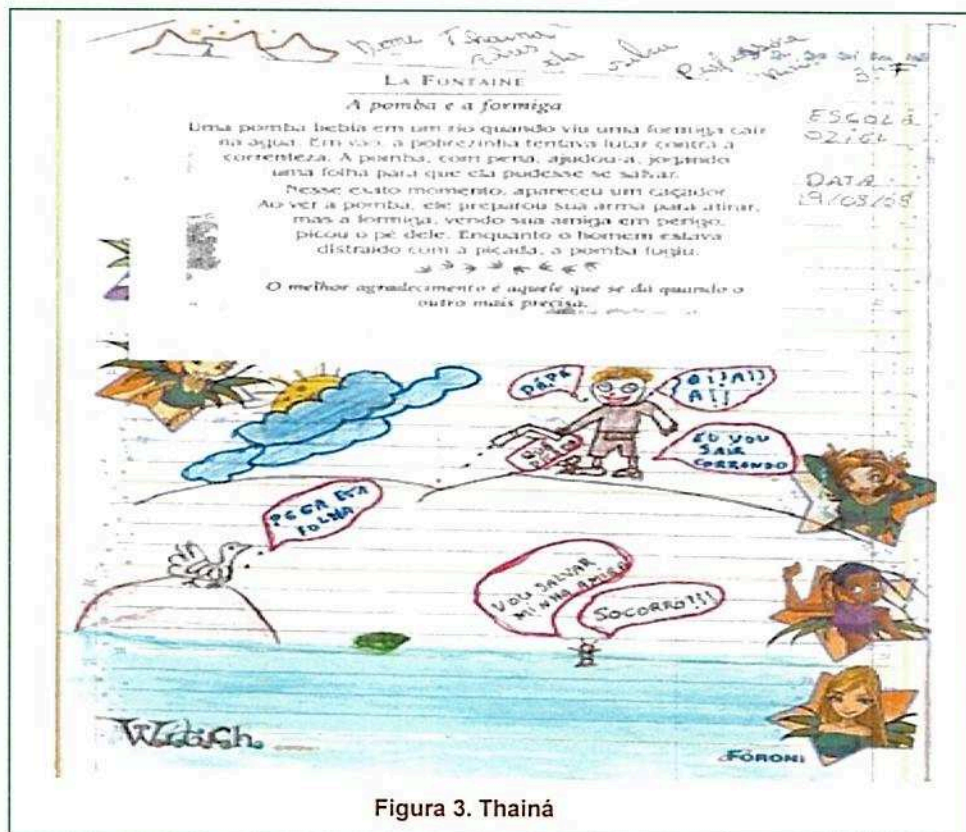


Figura 3. Thainá

Desenhou.

Amei! Pois pedi para que reescrevesse a fábula e ela foi além...

Inovou...

Aprendizagem e afetividade

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor é assim. Não morre jamais.
(RUBENS ALVES, Apud FALGÃO, 2006, p. 75)

Para este trabalho gostaria de citar duas afirmações de Spinoza a respeito do afeto e para a repercussão deste na formação do ser humano. A primeira refere-se ao fato de que para este teórico *affectus* é uma variação contínua da força de existir na medida em que esta variação é determinada pelas idéias que se tem, ou seja, as relações afetivas que mantemos com o outro se baseiam na idéia que temos do que seja o afeto e de como este é ou não importante em nossa vida e na do outro. A segunda refere-se ao fato de que para este autor é saudável andarmos com quem nos provoquem boas idéias, pois desta forma não nos entristecemos e nossa potência não diminui.

Transpondo estas afirmativas para a esfera da educação pelo viés da afetividade, podemos concordar com o autor sobre o fato de que quando existe afeto na relação educacional o aluno tende a render mais, cresce em auto-estima e torna-se um aluno melhor, interessado e, por tanto, tem um rendimento acima da média e aprende mais.

Assim, é lícito supor que as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos e dessa forma, a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações estabelecidas entre os alunos e os diversos objetos de conhecimentos escolares e com os projetos e atividades desenvolvidas.

Por objetos classificamos, também assim a mediação dos professores que com sua forma de atuar influenciam e transformam as práticas pedagógicas disseminadas na escola, que é o tema deste trabalho e que esmiuçarei melhor a partir de agora.

Olhando a prática pedagógica

Escrever é estar no extremo de si mesmo.
(MELO NETO, apud NEVES, p. 261)

Desenvolvi um projeto junto com os alunos, intitulado “*Saúde, afetividade e educação global na escola*” sobre saúde, afetividade e educação com um 1º ano do ciclo II F, na EMEF “Oziel Alves Pereira”, localizada no bairro Parque Oziel, área de invasão na periferia da cidade de Campinas, localizada nas margens da rodovia Santos Dumont que liga Campinas a Sorocaba. A maior ocupação urbana da América Latina, população oriunda de diversos estados brasileiros, excessivamente itinerantes e com grande diversidade cultural, social e econômica.

Neste bairro tudo o que existe é demais: violência, falta de estrutura para tudo, falta de valores morais e sociais mundialmente cultuados, pobreza extrema. O que falta e muito neste bairro são os princípios que regem todo ser humano e que o humaniza, dada a realidade em que todos ali vivem.

Os motivos que me levaram a realizar este projeto foram inúmeros (falta de estrutura da comunidade em que os alunos estão inseridos, falta de preocupações mínimas com a saúde das crianças, falta de interesse dos demais professores pelo bem estar de seus alunos e suas carências...), mas o principal de todos: foi a minha preocupação com a formação global destes alunos pré-adolescentes com quem conviverei durante este ano letivo.

Quem são os alunos

Apresento-lhes a sala de aula, composta por alunos de diversas idades entre 9 e 14 anos; alunos que nunca foram reprovados na escola e alunos que estão na escola há 7, 8 anos; alunos com a auto estima totalmente devastada, devido a inúmeras repetências, falta de incentivo de outros professores, *bullying*⁵ dos colegas, enfim situações de extremos que se agravam pelas condições do bairro em que vivem e da comunidade em que estão inseridos, altamente propensa ao uso de drogas, violências de todos os tipos, desmandos de todos os lados.

Ao assumir este grupo, encontrei todo tipo de aluno dentro da sala e todas as hipóteses de escrita e de leitura dos alunos (classificação de Emilia Ferreira, baseada em Piaget, sobre a forma como os alunos pensam) que iam desde a pré-silábica, até a alfabética; alunos adolescentes com todos os problemas possíveis desta fase difícil da vida; crianças querendo atenção, enfim um universo de situações criadas na escola e fora dela.

Enfrentei resistências de todas as partes, dos demais educadores, dos alunos, da comunidade escolar que viam nestes alunos imagens do fracasso, reproduzindo uma violência, muito maior do que a social que tão bem conhecemos.

Nesse contexto com todos esses entraves o que mais me preocupava era não encontrar uma forma que os alunos se interessassem em aprender a aprender, mas um dia aconteceu um fato inesperado em que as coisas melhoraram “um bilhete”, descrevo o processo a seguir.

⁵ O termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos

Alfabetizando com bilhetes: algumas desconstruções

O que é letramento?

*Letramento não é um gancho em que se pendura cada som enunciado.
Não é treinamento repetitivo de uma habilidade.
Nem um martelo quebrando blocos de gramática.*

*Letramento é diversão é leitura à luz de vela ou lá fora, à luz do sol.
São notícias sobre o presidente. O tempo, os artistas da TV
É mesmo Mônica e Cebolinha nos jornais de domingo.
É uma receita de biscoito. Uma lista de compras, recados colados na geladeira.
Um bilhete de amor. Telegramas de parabéns e cartas de velhos amigos.
É viajar para países desconhecidos, sem deixar sua cama. É rir e chorar
Com personagens, heróis e grandes amigos.*

*É um Atlas do mundo, sinais de trânsito, caças ao tesouro,
Manuais, instruções, guias,
E orientações em bulas de remédios para que você não fique perdido.
Letramento é, sobretudo, Um mapa do coração do homem,
Um mapa de quem você é, e de tudo que você pode ser. Chong (apud Soares, 1981)*

Este poema da estudante norte-americana, de origem asiática, Kate M. Chong ao escrever sua história pessoal de letramento mostra o processo vivido por mim e meus alunos a partir do momento em que percebi que eles sabiam ler e escrever ao perceber a troca de bilhetes entre ele.

Bilhetes - onde tudo começou

Eu estava dando uma aula normal e de repente vi um aluno escrevendo um bilhete com um semblante de felicidade, levantou-se e ia entregar a uma menina, mas antes eu pedi para ele me entregar. Ele amassou o bilhete e não queria me mostrar. Disse-me: *Se eu lhe mostrar você não vai brigar comigo?* Respondi: *Não vou brigar contigo.* Ele desamassou o papel e me entregou. Estava escrito dentro

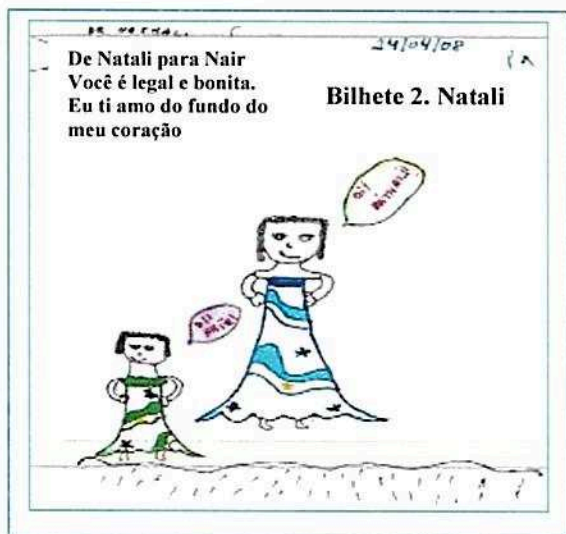
repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima. (<http://www.bullying.com.br>)

de um coração: *Eu te amo Tainá eu te amo do fundo do meu coração*, Lucas Olegário.



Na hora, interrompi o que estávamos fazendo em vez de recriminá-lo, disse: *Se você quer mandar este bilhete para a Tainá vamos ver quais as letras que estão faltando*. Ele ficou muito nervoso e envergonhado, mas com muito jeitinho fui dizendo: *Eu conseguir ler tudo, mas será que a Tainá vai conseguir? Vamos reescrever, vai ficar bem bonito*,

então você entrega, ela vai ficar contente. Fiz isso porque as palavras estavam todas coladas e faltando letras. Sentamos e eu fui lendo para ele, e automaticamente o próprio aluno viu o que tinha feito, fui lendo e ele consertando.

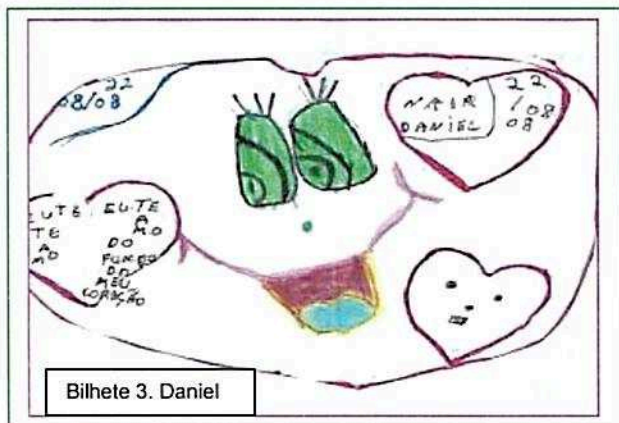


Ao entregar para a Tainá ela não queria recebê-lo, mas eu disse a ela vou fazer um envelope e escrever MEU TESOURO e tudo que você ganhar e quiser manter segredo vai guardar no meu tesouro. Depois disso todas as meninas tinham Meu tesouro, até eu. Recebia muitos bilhetes. Exemplos: *Professora, Nair, eu te amo (...). Adoro estudar com você. Professora, você é*

muito bonita e legal.

Choveram bilhetes como mostram os desenhos/bilhete de nº 2 e 3 à esquerda para serem guardados no MEU TESOURO. Os alunos e eu trocando bilhetes e entendendo, que para se comunicar com o outro através da escrita precisamos pensar em nosso interlocutor, ou seja, quem receberá nossa mensagem e assim a necessidade de transmitir seus sentimentos aos outros levou meus alunos a demonstrarem para mim o quanto sabiam e a melhorar suas produções de textos.

Com isso tivemos aulas mais dinâmicas e interessantes, criativas e que despertaram o interesse de todos, pois todos queriam guardar seus tesouros e, também, exprimir-se para os colegas de alguma forma. Até a menina, cujo



primeiro bilhete foi escrito aprendeu a valorizar os colegas e seus sentimentos, aceitando os bilhetes com atenção, lendo-os com carinho e guardando em seu tesouro. Ela nunca respondeu ao menino, mas o tratou com afeição e carinho.

Pensando com Freire sobre os bilhetes os diversos bilhetes dos

alunos em que estes diziam: *"Professora, Nair, eu te amo"*; *"(...) adoro estudar com você"*; *"Professora, você é muito bonita e legal"* entre outras manifestações de escrita descobri que meus alunos sabiam escrever e que precisavam é de uma orientação mais eficiente e que eu poderia ser este referencial na vida deles como pontuam Bordini e Aguiar, que:

É através da linguagem que o homem se reconhece como humano, pois pode se comunicar com os outros homens e trocar experiências. Existe, porém, uma condição prévia para a manifestação da linguagem: é preciso haver um grupo humano, no qual o sujeito se confronte com o conjunto e se perceba como indivíduo. É, portanto, na convivência social que nascem as linguagens, conforme as necessidades de intercâmbio, (1988, p 9)

O avanço no processo de aprendizagem foi rápido e eficiente. Começaram a ler, queriam aprender sobre tudo e escrever. Considero um grande avanço, porque no início eram 35 alunos da 3ª série que não sabiam ler e nem escrever, no entanto em agosto já 32 estavam completamente alfabetizados, querendo escrever, escrever, escrever, lendo tudo o que aparecia. Considero que a dose de afeto que ofereci a eles contribuiu muito no processo de educação e construção de auto estima e valores, pois passaram a perceber que eram capazes, que podiam ousar e assim, fortalecida suas auto estima alcançaram excelentes resultados.

Voltando ao início do meu trabalho com estes alunos, gostaria de explicitar aqui o trabalho que realizei a partir de bilhetes recebidos por mim, escritos pelas

crianças. Quando iniciei meu trabalho com a turma, eles vinham de um histórico escolar de fracassos, repetências e desacreditados pelos demais professores e toda a comunidade escolar e do entorno, bem como seus pais e familiares.

Quando comecei o trabalho também acreditava que a turma era “fraca”, digamos assim, problemática e que renderia muito pouco. Fui trabalhando com os mesmos e em meados de abril comecei a receber os bilhetes carinhosos endereçados a mim e percebi um fator primordial para a alfabetização: elas estavam se alfabetizando e melhor sabiam produzir textos, pois um bilhete nada mais é do que uma forma de texto, com características e sentidos próprios que os alunos sabiam utilizar.

Na realidade, o primeiro bilhete que analisei não foi endereçado a mim, mas de um aluno para a colega de quem estava enamorado. Tive que trabalhar valores com os mesmos, pois eram novos, os familiares da menina evangélicos e não gostaram entre outros. Mas a partir daquele bilhete os demais alunos resolveram me escolher como alvo de afeto e me ofertaram inúmeros bilhetes e, através deste, orientei meu planejamento para sistematizar a escrita.

Pensando no bilhete resolvi trabalhar com os alunos pelo viés do letramento, que é muito mais que alfabetização. É um estado, uma condição, o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. É o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita.

As dificuldades de aprendizagem das crianças podem originar-se do modo como são tratadas em casa e na escola. Dessa forma, o ato educativo deve estar a serviço do desenvolvimento do bem-estar do educando, e a educação deve tomar para si esse problema, auxiliando-o desde a sua infância, não somente, a interagir com o meio, mas principalmente conhecê-lo no sentido amplo deste termo.

Assim, comecei a analisar com eles os bilhetes, a propor dinâmicas que visavam a mudança de posturas e atitudes. Assim, fiz a dinâmica do Bis; das trocas de palavras; ensinei-os a portar-se a mesa, a andar pela escola, como se

estivessem em um shopping, isto é, com calma e elegância; levei-os a informática e ensinei-os a comunicar-se na rede global; levei a passear no bairro para reconhecer seus problemas e assim, criar soluções alternativas e muito mais. Dessa forma, acredito que os ensinei a serem cidadãos a fazerem valer seus direitos e a entender que conhecimento é poder e quem o tem já está um passo a frente na vida.

Há dois episódios de uma aula que me marcaram muito: um aluno um dia escreveu em seu texto a palavra “drento”. Eu o corriji e disse que o correto era dentro e ele teimando que não, o correto era como escrevera, pois todos em sua casa falavam assim. Como ele não se convencia a aceitar a correção pedi que fizesse uma pesquisa em casa e ele fez. Voltou com a palavra errada como correta. Neste momento, peguei o dicionário e fomos juntos pesquisar e ele viu que escrevera errado. Assim expliquei a ele que existe um jeito de falar e outro para escrever, que o primeiro não é “errado”, mas socialmente o segundo é melhor aceito. O aluno neste movimento aprendeu muito mais do que a grafia de uma palavra. Ele aprendeu que existe o regionalismo, que se fala de um jeito, mas se escreve de outro, a pesquisar e o mais importante, que embora em casa possa usar uma fala mais livre, nas relações sociais o uso correto das palavras nos traz maiores benefícios e abre caminhos.

O segundo episódio foi a mudança radical de um aluno que antes roubava, cobrava pedágio dos outros e quando começou a ler e a escrever, disse que não queria mais ser como era, ou seja, indisciplinado, ladrão, etc., pois depois que aprendeu percebeu que podia ser mais do que a vida lhe impusera.

Estas foram as mudanças mais radicais, os outros também, obtiveram sucesso em suas tarefas, ficaram mais autônomos, criativos e críticos.

Com açúcar e com afeto: dinâmica dos Bis

A dinâmica do Bis visou à busca de palavras carinhosas em relação ao outro, que encontrasse qualidades no outro. Consistia em uma caixa com algo dentro e bilhetes a serem escritos com características da pessoa que iria recebê-lo, onde um a um escrevia segurando a caixa e passando adiante e, no final o

último a receber o bilhete com a caixa abri-a distribui o presente. A aluna Pâmela nos conta como foi essa atividade:

Analisar a dinâmica do chocolate que realizei com a turma, utilizando características positivas dos alunos teve o intuito de fazerem-se nos perceber as coisas boas que eu e os colegas vemos uns nos outros. Foi prazeroso e gratificante perceber como os alunos, outrora briguentos e que só sabiam ver o lado ruim do outro e de si, descobrir que todos têm muita coisa boa dentro de si.



Foto 7. Dinâmica do bis

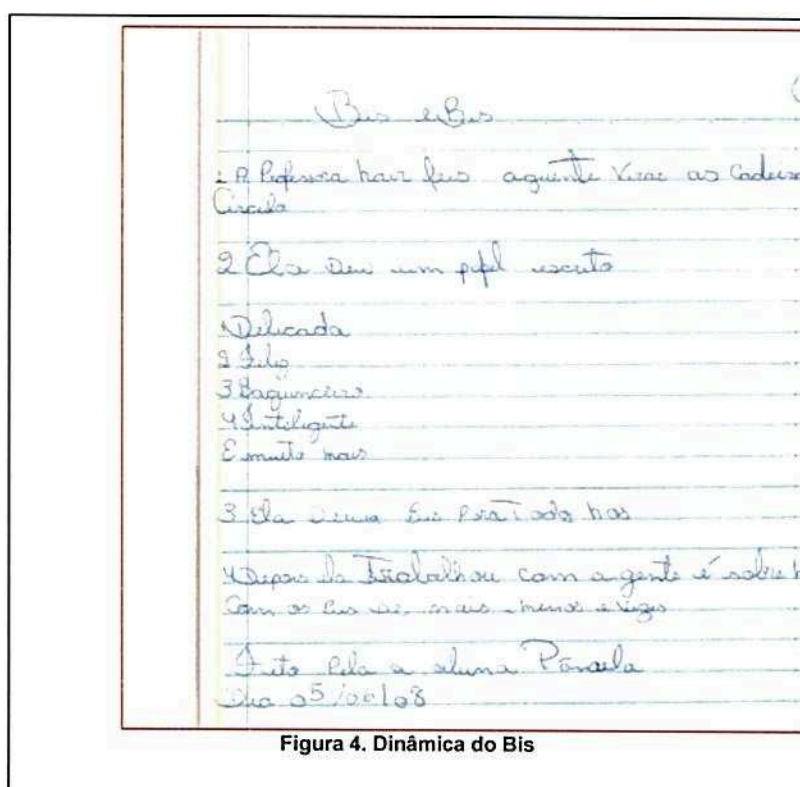


Figura 4. Dinâmica do Bis

Lendo, escrevendo, cuidando de si....

As fotos e escritos abaixo retratam os novos olhares e horizontes que ajudei a construir com os alunos em relação à melhoria na qualidade de suas vidas,

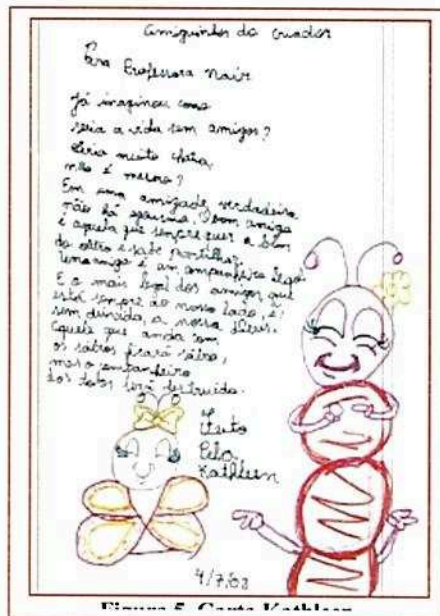


Figura 5. Carta Kathleen

visando ajudá-los a construírem um futuro, que espero brilhante. Ensinei-os, hoje, valores atitudes e conceitos que lhes serão úteis na vida amanhã. E são coisas simples: cuidado com o corpo, a saúde, a alimentação, postura a mesa, que eles desconheciam ou tinham pouca informação e o resultado retrato nas fotos e textos abaixo:

Na figura nº 5 temos uma pequena carta demonstrando o valor da amizade dos alunos por mim. Foi assim que descobri que eles eram capazes e que quando se trabalha com afetividade, acreditando na capacidade dos alunos

os resultados emergem o tempo todo.

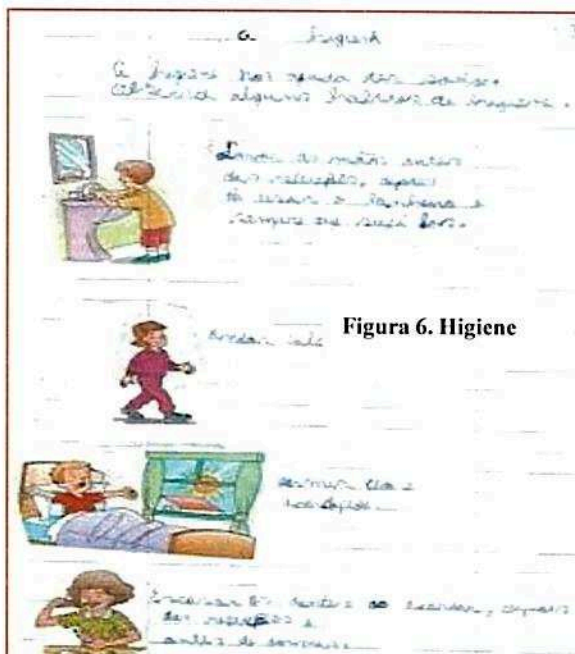


Figura 6. Higiene

Na figura nº 6 temos uma pesquisa do aluno que expressa a forma autônoma como estavam construindo seus conhecimentos indo além do apresentado pela professora, descortinando novos horizontes

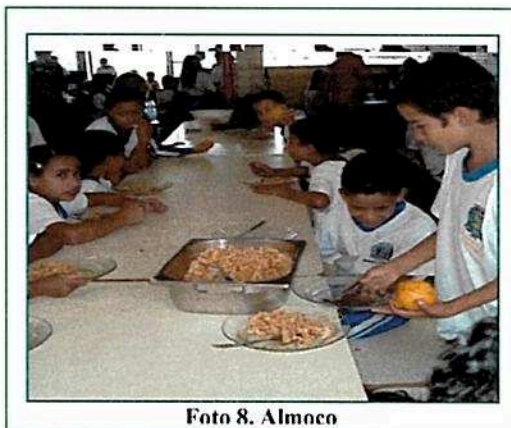


Foto 8. Almoço

No horário do almoço na unidade escolar era um momento delicado em que as crianças comiam de forma desordenada, escondendo o prato como se temessem que lhes roubassem o alimento. Sem contar que corriam para o refeitório afoitamente quando ouvia o sinal do intervalo.

Ao longo do ano fui ensinando-lhes que em outros lugares do mundo não se come desta forma, que temos que ir devagar, colocar a comida com calma e elegância e comer normalmente, com apenas os pulsos apoiando-se na mesa e no final do ano não precisava mais acompanhá-los, eles agiam moderadamente sozinhos.

Experimentado palavras

Nesta dinâmica organizamos um trabalho interativo sobre valores, que consistia que os alunos deveriam trocar palavras de baixo-calão (palavrões, nomes impróprios, palavras ditas pesadas), por outras boas, que valorizam a auto-estima.

Trabalho interativo



Foto 9. Devemos urgente jogar fora palavras de baixo calão



Foto 10. Devemos urgente multiplicar certas palavras.

Com esta atividade os alunos cresceram muito, principalmente a auto-estima, pois aprenderam que existem palavras bonitas no mundo, que podem e devem estar sempre em nossa boca, principalmente nas relações sociais.

A seguir retrato um pouco do que eles aprenderam através de suas produções...

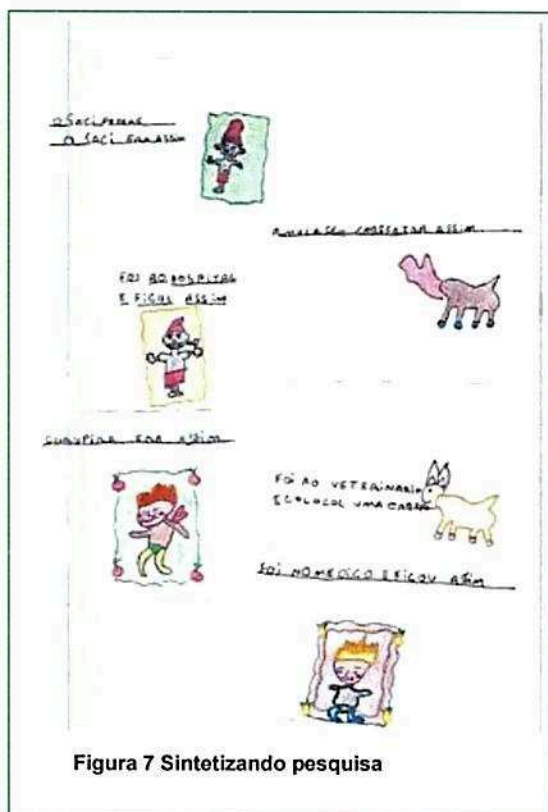


Figura 7 Sintetizando pesquisa

A figura de nº 8 é uma continuação da Dinâmica do Bis, em que contextualizei o aprendizado matemático atrelando-o a intertextualidade, pois uma atividade pode servir de base a todas as disciplinas do currículo.

A atividade, representada na figura 7 os alunos estavam testando seus conhecimentos a respeito do folclore, pesquisando as lendas e os personagens que fazem parte do imaginário brasileiro.

Iniciamos a tarefa com pesquisa na Internet e depois cada um sistematizou como quis a pesquisa. Neste trabalho o aluno fez um breve resumo das lendas.

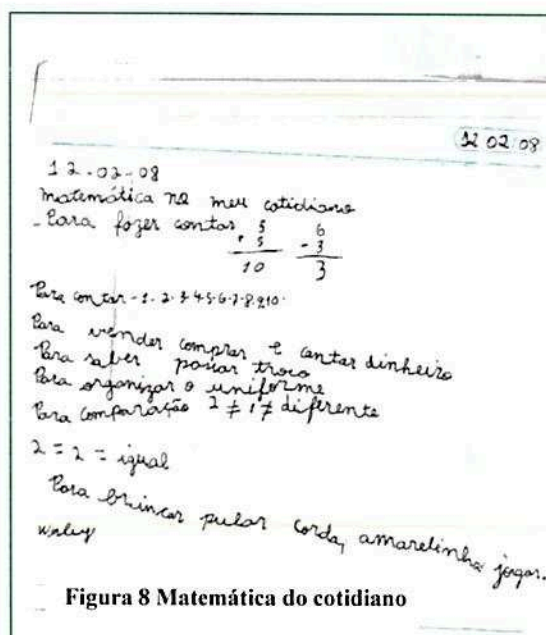


Figura 8 Matemática do cotidiano

Conhecendo o bairro...

Um dia, passando pelo bairro rumo à escola, me deparei com uma árvore



tombada com as raízes expostas como mostra a foto 11 á esquerda, o que me remeteu aos estudos de Gallo (2001), quando coloca sobre a transversalidade, usando como metáfora a figura de uma árvore e suas raízes, explicando a hierarquia das ciências. Ao deparar com a árvore caída, ao ir trabalhar, pensei no conhecimento, não

como uma rede hierárquica, em que um ramo da ciência se sobrepõe ao outro, mas com outra afirmação do autor em que a *metáfora da rede tem sido utilizada como uma outra possibilidade de se pensar o conhecimento, formado por múltiplos fios e nós de interconexões.* (p.175).

Em outras palavras, aquela imagem levou-me a mudar a rotina planejada para o dia e pensando no que Gallo construiu resolvi sair com a turma para estudo do meio, conhecendo a realidade ao nosso redor.



Neste passeio/estudo as crianças me ensinaram como andar nas ruas sem cair nos buracos, foto 13. Apresentaram com orgulho suas casas, as dos colegas e, por fim, chegamos onde eu queria levá-los, a árvore tombada. Neste local as crianças, muitas delas nunca havia subido em uma árvore, tiveram a

oportunidade de estudar a planta como um todo, subiram na árvore, foto 12, discutiram o porquê do tombamento, as partes da planta *in loco*, enfim,

aprenderam muito mais de ciências do que se tivéssemos ficado na sala com quadro, giz e livros.

A tecnologia...

(...) nas salas de aula integradas, todas as crianças enriquecem-se por terem a oportunidade de aprender umas com as outras, desenvolvem-se para cuidar umas das outras e conquistam as atitudes as habilidades e os valores necessários para nossas comunidades apoiarem a inclusão de todos os cidadãos, (Vandercook, apud Stainback, 1999, p 13).



Ao levar os alunos na informática descortinei um universo novo para eles, fotos 14 e 15, pois, rara exceção, os alunos como mostram as não têm computador e muito menos internet em casa. As aulas ficaram mais dinâmicas e o aprendizado mais ágil.

Internet passou a ser um recurso a mais para o conhecimento. Um exemplo disso foi quando um aluno hemofílico se machucou na escola e fui levá-lo em casa



dado seu estado. Os outros alunos ficaram assustados com o caso e sem entender o porquê de um machucado banal ter tido o enfoque que teve.

Assim fomos pesquisar o que é a doença, quais as formas dos ataques, a gravidade, como tratar e passaram a entender porque é preciso socorrer um hemofílico que se machuca sem demora, pois este corre risco de vida. Assim os alunos passaram a ver que internet e o computador não são apenas para jogar, mas, também, cultura, informação e poder. Nesta era globalizada em que vivemos para obtermos sucesso é

necessário termos conhecimento, ser um profissional multimídia, isto é, um profissional capaz de atuar de forma dinâmica com qualquer componente tecnológico, pois assim as oportunidades de trabalho e crescimento profissional se multiplicam.

...Acreditar em um futuro.... Profissões

Estas falas mostram o resultado do meu trabalho: os alunos retratando o que pretendem ser em um futuro distante, demonstrando que almejam algo mais do que suas condições de vida, hoje, evidenciam. Nestas atividades eles demonstram que com um trabalho voltado para a afetividade e a construção da auto-estima os alunos sentem-se mais preparados para enfrentar o futuro, para crescer, para buscar algo mais na vida, provando que podem sair das condições precárias que o destino

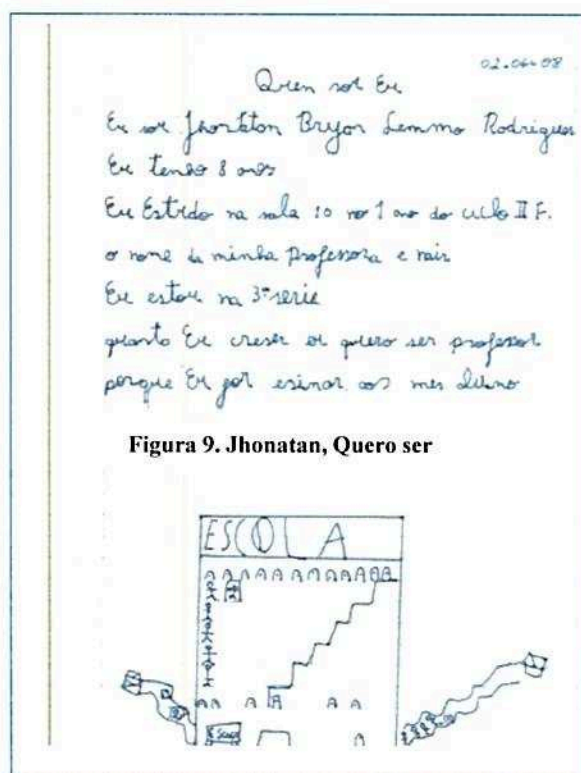


Figura 9. Jhonatan, Quero ser

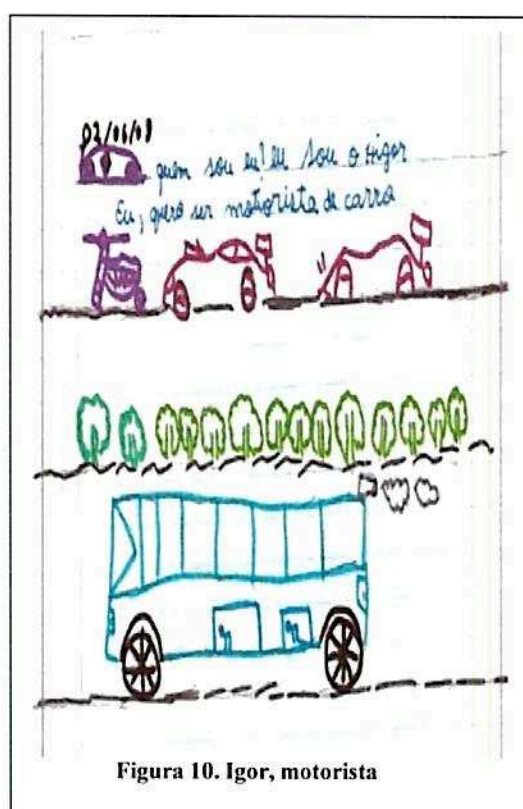


Figura 10. Igor, motorista

Eles demonstram que podem e devem dizer não: as drogas, a violência, ao vício em busca de um lugar melhor ao sol e isso me deixa super feliz e percebo que contribuí para isso, pois estes alunos, que hoje acreditam em um futuro

melhor, são frutos de uma vida desprovida de valores sociais e econômicos, bem como de uma vida em que a violência é uma constante e que parecia, ser o único futuro a seguir.

Michel Foucault (1986), em seu livro '*Vigiar e Punir*' contribui enormemente para as teorizações sobre a violência e as relações de poder quando analisa as instituições penais a partir dos séculos XVII e XVIII, referindo-se ao esquadramento disciplinar da sociedade. Elucida a política de coerção, de dominação, por meio de vigilância e punição sobre o intelecto, sobre a vontade, sobre as disposições e sobre as paixões dos indivíduos.

Segundo Guimarães (1996), A violência não está ligada somente a ações físicas, mas a uma constante ameaça, medo e terror, capaz de abalar as bases mais estáticas que se avaliam inabaláveis, portanto a violência é simbólica. Com relação a essas questões destacam-se as forças das muitas linguagens que compõe os universos sociais, que

Não podemos isentar a escola como se a violência estivesse somente do lado de fora. Apontar os pais, a estrutura familiar, econômica como responsáveis pela crueldade entre as crianças (...) à violência que é gerada dentro da própria escola, não apenas porque ela é uma instituição homogeneizadora, controladora, mas também porque ela é a expressão de grupos em permanente conflito. (p.81).

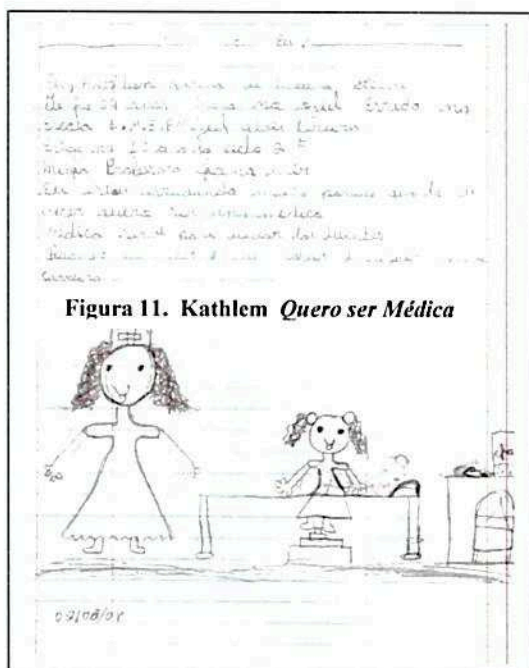


Figura 11. Kathlem *Quero ser Médica*

Desta forma, a escola legitima a violência institucionalizada que acabam por perpetuar situações como as descritas acima. Ao pensar sobre o que poderia realizar com esta turma pensei com Freire em como trabalhar, visando uma práxis transformadora, no sentido de que é preciso comprometer-se com o povo, acreditar nele, para transformar uma realidade injusta. Somente sentindo esta realidade de dominação, comungando com o oprimido poderá libertar-se. Essa é a raiz da educação humanista: a inconclusão do homem e

sua consciência dela. Por isso a educação é um fazer permanente, na razão do insucesso dos homens e do devenir da realidade.

Os fatores como hábitos alimentares, esportes, lazer, saneamento básico, econômico, hereditários, de moradia, de trabalho, das vacinas e dos medicamentos, do atendimento médico-odontológico, das relações com o meio físico, social e cultural, podem ter algum efeito na saúde, na compreensão da comunidade escolar e, também, em relação: a faixa etária; sexo e hábitos pessoais; condições geográficas e as características da ocupação humana; renda familiar; SUS (Sistema Único de Saúde) e dos planos privados de saúde; tecnologia; atendimento aos portadores de necessidades especiais; consumismo exagerado; vigilância epidemiológica e sanitária; orientação sexual; desnutrição infantil; estresse da vida sedentária; do fumo, do álcool e de outras drogas e da auto medicação e quais as considerações o corpo docente e discente desta escola tem a fazer.



Foto 11. NÓS!!! PODEMOS!!!

Termino estas reflexões com o sentimento de dever cumprido. Não para com a pesquisa, pois embora importante, não era meu destino primordial, mas com meus alunos que passaram a acreditar que podem mais do que a vida pode lhe dar, que quando queremos, nós educadores, podemos fazer a diferença na vida de umas crianças e principalmente, que o papel da educação e dos educadores deveria ser busca constante pela valorização do aluno, da escola de uma inclusão de todos para a formação de cidadãos críticos, confiantes, capazes de superar desafios, de crescer e de ser mais do que a vida lhe oferece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às vezes, as dúvidas fazem voltar a estaca zero: tem sentido essa luta diuturna, prazerosa mas cansativa? Certos estão os outros. Os modelos estão prontos. Suas aulas são "sérias", os alunos têm que ler "x" textos. As provas demonstram se os alunos estudaram. A atitude dos alunos é de temor e de admiração. Ou o inverso: aulas luminares, brilhantes, alunos embasbacados [...], (GERALDI apud OLIVEIRA, 2007, p. 119).

A primeira vista a citação acima e esta: *"Também já tentei: um modelo ou outro. Até dá certo, mas dói, corrói, mata por dentro. Acho que meu pedaço marginal, inquieto e, talvez, lúcido..."* (Idem, p. 119), podem parecer incoerentes, entretanto têm toda a clareza do que eu entendo sobre que é ser professor.

Estes fragmentos do texto de Oliveira traduzem a concepção do que seja ser um professor hoje e sempre, com todas as contradições que vivemos, todas as mazelas, descasos que sofremos ao exercer a profissão que escolhemos, com a apaixonante certeza de que educar vale e sempre valerá a pena.

No primeiro fragmento a autora questiona se vale à pena continuar a insistir em ser "o diferente" nas escolas e instituições em que passamos. Coloca que muitas vezes temos vontade de desistir, questionando toda essa luta contra a correnteza, que é dolorosa, cansativa e tantas vezes mal compreendida.

Mas, se nos acomodarmos o que teremos, e aí, entra o segundo fragmento: dor, morte da alma, destruição de tudo em que acreditamos... Pois, o que nos motiva, que nos leva para frente, que nos instiga é justamente o fato de desejarmos ver os alunos com os olhos brilhantes, embasbacados com o as aulas, os assuntos, o mundo...

Frei Betto, em entrevista a revista Nova Escola deste mês, coloca que a escola deveria ser assim: *"(...) capaz de ver o aluno como um ser humano completo, e não como um anjo barroco, 'que só tem forma do pescoço para cima'*

(...)” em clara alusão de que os alunos são mais do que apenas reprodutores de conhecimentos, mas seres completos, detentores de conhecimentos, produtores de cultura, capazes de transcender ao que é proposto pelo professor e nesse processo, deixá-lo, também, embasbacado.

Kenski coloca que *“o espaço escolar é mágico. Nele se realiza o milagre permanente do aprender e do abrir-se para o mundo (...)”* (p. 123). Essa afirmação é primorosa. A escola realmente é mágica, feita de luzes, cores e sons próprios que nos encantam o tempo todo e nos fazem pensar: “que bom que somos educadores! Fazemos parte deste universo maravilhoso! E que bom que temos alunos que questionam isso tudo, nos questionam e que também nos ensinam, enquanto aprendem!”

Essa é a verdadeira mágica da escola. O que nos move a nadarmos contra a correnteza a sermos contraventores. A amar o que fazemos e, apesar de toda “dor e delícia de ser o que é” (Caetano Veloso), não desistimos nunca.

Para sintetizar o que foi esta longa trajetória de pesquisa, em que busquei sistematizar todo um trabalho realizado com uma turma de alunos repetentes e vítimas da produção do fracasso escolar, em prol da construção de sua auto-estima e, por conseguinte, de novas formas de ser e estar no mundo, trago para reflexão a fábula chinesa *“A cotovia e os sapos”*, e alguns fatos que regem a humanidade desde seus primórdios, principalmente sobre as relações de poder e a formação do status quo.

Gallo (1997) diz que ser cidadão é apropriar-se de sua própria vida para mudar as condições da sociedade, participando ativamente das decisões que levam a mudança e a transformação social. Paralelamente, no texto da cotovia e dos sapos percebemos a retomada pelos sapos de suas próprias vidas em prol da transformação social que leva à mudanças.

Para que esta ocorra é preciso que haja uma revolução, que se percebam as reais condições em que se vive e que há maneiras de superá-las, de melhorá-las e, que exige ruptura total com o que já existia em prol da construção do novo. No entanto, quando o novo ocorre, instalou a nova realidade social, alcançou novos patamares no processo de construção social, há uma estagnação no processo, um acomodamento, até que haja outro fator que leve a insatisfação e

este a nova revolução e novo processo de transformação social num processo infinito de busca por aperfeiçoamento.

Trazendo esta realidade para a construção de nossa vida dentro das instituições escolares, podemos compará-la ao entusiasmo com que iniciamos a nossa vida profissional cheias/os de sonhos, vontade de transformar o mundo, mas de repente encontramos vários sapos velhos, como: governos, pacotes pedagógicos, leis e trâmites nacionais entre outros; que nos amordaçam, paralisam e acabam nos levando à acomodação. E pior, quando chega uma cotovia em nossas escolas passamos a detestá-la ou hostilizá-la, pois o novo é sempre trabalhoso, assustam e leva a celebre frase: *Você é nova, quando tiver a minha idade e tiver vivido o que já vivi, não terá mais este pique e verá que não adianta.*

Para estas pessoas acomodadas espero que a nova cotovia do ninho dê a seguinte resposta: *E, eu espero que quando eu crescer não seja como vocês!* E siga em frente, acreditando em si e que pode fazer a diferença.

Finalizo este trabalho com as palavras de Adams (apud TAGLIAFERRO, 2007, p. 97) *O professor se liga a eternidade; ele nunca sabe onde cessa a sua influência.* Trago estas palavras finais para enfatizar o quão importante é o papel do professor na vida de seus alunos e o poder que da mesma forma que temos de fazê-los renascer, podemos matá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Eduardo F., GONTIJO, Alberto de F. e SANTOS, Fernanda F. dos. O método de Projetos na Educação Profissional: ampliando as possibilidades na formação de competências. In: **Educação em Revista**, nº. 40, Belo Horizonte, MG, dez/2004, p.187-212.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARROL, L. **As aventuras de Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

DAMIN, Maria Aparecida da Silva. "**Algumas pistas para a pesquisa da prática**." MEMO do LEIA/UNICAMP, 2008.

DEMO, Pedro. A pesquisa como princípio educativo. In: **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2005, pp. 77-97.

FACIN, Daniela Cavani. Dimensões afetivas na relação professor-aluno. IN: LEITE, Sérgio Antônio. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 47-74.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da Educação infantil. In: _____, PALHARES, Marina Silveira (orgs). **Educação infantil Pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003, p. 67-99.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

_____. **Alfabetização e Conscientização: a mensagem de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Madalena. O que é um grupo? In: GROSSI, Esther Pillar e BORDIN, Jussara. **Paixão de aprender**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1993, p.

GARCIA, MARIA DE FÁTIMA. Ensino-Aprendizagem por meio da Pesquisa: a constituição do grupo como comunidade educacional. In GERALDI, CORINTA M. G.; RIOLFI, CLAUDIA R. E GARCIA, MARIA DE FÁTIMA (org.). **Escola VIVA**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 195-218

IZQUIERDO, Iván. **A Mente Humana. Centro de Memória do Instituto de Pesquisas Biomédicas da PUC-RS**. Porto Alegre (RS), Brasil, 2000.

JESUS, R. F. Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje sou professora. In: VACONCELOS, G. A. N. (org) **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p 21-44.

KENSKI, VANI. Múltiplas linguagens na escola. In **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 123-139.

KISHIMOTO, T. M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.

KRAMER, Sônia. Escrita, experiência e formação - múltiplas possibilidades de criação de escrita. In: MAZZOTTI, Alda J. A. et alli. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, pp. 105-117.

KUSSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em www.museudapessoa.net. Acessado em 03/12/2008.

LOURENÇÃO, Gustavo. Fala, mestre! Frei Betto: Do corpo e do espírito. In: **Nova escola online**. São Paulo: Editora Abril, agosto, 2008. Disponível em: www.novaescolaonline.com.br. Acessado em: 15/08/2008.

LURIA, A. O Desenvolvimento da Escrita na Criança. In: VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV. In: **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora USP, 1988.

MACHADO, Nilson J. Sobre a idéia de projeto e educação: seis valores para todos os projetos. In: **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, p. 1-37 e 36-67.

MINAYO, M.C.S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C. S (orgs). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pp. 7-27.

OLIVEIRA, INÊS BARBOSA de. O currículo no cotidiano escolar: conversa com Corinta Geraldi e Regina Leite Garcia. In: **Currículo sem fronteira**, v. 7, nº 2, p. 112-130, jul./dez 2007.

RAHM, P. Haroldo J. **Doze passos para os cristãos**: jornada espiritual com amor-exigente. 7ª edição. São Paulo: Edições Loyolas, 1994.

SOARES, Magda. Letramento em três gêneros. São Paulo: Autêntica, 1981.

STAINBACK, S. E W. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.

TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. Meu professor inesquecível: a construção de uma memória coletiva. IN: LEITE, Sérgio Antônio. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 97-112.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.